



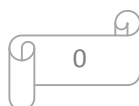
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E PORTUGUESES

Lúcia Gomes Tavares

*A Problemática dos “Mandjacos” na Cidade da Praia - ilha de Santiago*

Universidade de Cabo Verde

2010



Lúcia Gomes Tavares

*A Problemática dos “Mandjacós” na Cidade da Praia - ilha de Santiago.*

Trabalho científico apresentado na Universidade de Cabo Verde para obtenção do grau de licenciatura em ECVP, sob a orientação do Prof. Doutor Arlindo Mendes.

UNI-CV 2010

**“O Júri”**

---

---

---

**Praia, 30 de Setembro de 2010**

**UNI-CV**

## Dedicatória

*Dedico este trabalho à minha mãe (in memoria)  
pela vida que me deu e ao meu pai que me deu  
todo o apoio que estive ao seu alcance, que me fez  
crescer e acreditar cada vez mais nos meus ideais.*

## Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem a ajuda, a colaboração e o encorajamento de numerosas pessoas que, na Sucupira, nos bairros, nas ruas e no interior de Santiago me forneceram informações, dados, explicações sobre os imigrantes chamados *Mandjacos* em Cabo Verde, mais concretamente na Praia.

De entre essas pessoas, ao meu orientador, Doutor Arlindo Mendes, pela disponibilidade, receptividade, delicadeza nas observações e pertinência das sugestões e propostas que muito contribuíram para a sua realização.

Aos meus irmãos, em especial Madalena pela paciência, estímulo, apoio e com a sua compreensão, em momentos difíceis; aos meus amigos Augusto Leão (emigrante na Holanda), Anastácio da Veiga, José Manuel Silva, Júlio Centeio, Sr. Pedro Alexandre, e as minhas colegas Ivete e a Neth pelo encorajamento e apoio que me deram. Ainda, ao Sr. Carlos Frederico pelas sugestões valiosas e essenciais.

A Deus, pelo dom da vida que me deu, pela sua presença constante no meu viver, pela força, coragem e determinação.

A todos aqueles que, de forma directa e indirectamente, ajudaram-me na conclusão deste estudo.

## **Listas de Ilustrações (Mapa e Fotos)**

<b>Mapa -</b> Mapa etnográfico da Guiné-Bissau .....	33
<b>Foto nº 1 -</b> Costureiro .....	36
<b>Foto nº 2 -</b> mercadorias que vendem .....	39
<b>Foto nº 3 -</b> Sapateiro .....	40
<b>Foto nº 4 -</b> Artista Plástico .....	43
<b>Foto nº 5 -</b> Vendedor ambulante .....	45

## Listas de Gráficos

<b>Gráfico nº 1 - N° de pedido por nacionalidades</b>	21
<b>Gráfico nº 2 - Imigrantes provenientes do Gana</b>	25
<b>Gráfico nº 3 - Imigrantes provenientes da Guiné-Bissau</b>	26
<b>Gráfico nº 4 - Imigrantes provenientes de Libéria</b>	26
<b>Gráfico nº 5- Imigrantes provenientes do Mali</b>	27
<b>Gráfico nº 6 - Imigrantes provenientes da Nigéria</b>	27
<b>Gráfico nº 7 - Imigrantes provenientes do Níger</b>	28
<b>Gráfico nº 8 - Imigrantes provenientes da Serra Leoa</b>	28
<b>Gráfico nº 9 - Imigrantes provenientes da Mauritânia</b>	29
<b>Gráfico nº 10 - Imigrantes provenientes do Togo</b>	29
<b>Gráfico nº 11 - Imigrantes provenientes da Costa do Marfim</b>	30
<b>Gráfico nº 12 - Imigrantes provenientes da Gâmbia</b>	31
<b>Gráfico nº 13 - Imigrantes provenientes do Benim</b>	31

## **Siglas e Abreviaturas**

**CEDEAO** - Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental

**DEF** - Direcção de Emigração e Fronteiras

**OAE-CV** - Organização de Apoio aos Estrangeiros em Cabo Verde

**ASGUI** - Associação de Guineenses em Cabo Verde

**Cf.** - Conferir

**S/d** - Sem data

**Ex:** - Exemplo



## ÍNDICE

Dedicatória -----	3
Agradecimentos -----	4
Listas de Ilustrações (Mapa e Fotos) -----	5
Listas de Gráficos -----	6
Siglas e Abreviaturas -----	7
 <b>Introdução -----</b>	 <b>9</b>
 <b>Capítulo I</b>	
<b>Breve historial da imigração Cabo-verdiana -----</b>	<b>14</b>
1.1 -CEDEAO (A Comunidade Económico dos Estados da África Ocidental) -	17
1.2 - Protocolo de livre circulação dos cidadãos da África Ocidental -----	18
1.3 Medidas Legislativas-----	19
1.4 - Integração de Cabo Verde no CEDEAO -----	22
 <b>Capítulo II</b>	
<b>Movimento de entrada e saída dos imigrantes da CEDEAO em Cabo Verde ----</b>	<b>25</b>
 <b>Capítulo III</b>	
<b>Abordagem conceitual do “Manjacos” da Guiné -----</b>	<b>33</b>
3.1- Do termo Mandjaco para <i>amigo</i> -----	36
3.2- Encontros de diferenças culturais -----	37
3.3- Comportamentos etnocêntricos dos cabo-verdianos -----	39
3.4- Factores de integração social dos imigrantes -----	40
 <b>Capítulo IV</b>	
<b>Ocupação dos Mandjacos na Praia -----</b>	<b>44</b>
4.1 - Actividades comerciais-----	45
4.2 - Trabalho na construção civil -----	47
4.3 - Olhar dos cabo-verdianos em relação aos imigrantes africanos -----	48
 <b>Considerações finais -----</b>	<b>50</b>
<b>Referências Bibliográficas-----</b>	<b>53</b>
<b>Anexos -----</b>	<b>56</b>

## Introdução

A presente monografia enquadra-se no âmbito da elaboração do Trabalho de fim do curso da Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses, na vertente de Línguas, Literaturas e Culturas, promovido pela Universidade Pública de Cabo Verde, com intuito de obtenção de grau de licenciatura.

A temática recai sobre a certa matéria, directamente ligada à Língua Portuguesa ou sobre aspectos socioculturais de que se encontra ligada à imigração Oeste-africana nas últimas décadas, em Cabo Verde.

Deste modo, optamos pela abordagem sociocultural, mais concretamente pela, *A Problemática dos Mandjacos na Cidade da Praia* por ser um tema que despertou a nossa atenção, tentando compreender um pouco mais sobre a situação dos imigrantes da Costa Ocidental Africana, residentes na Praia. Propomos analisar alguns aspectos relacionados com o dia-a-dia, a ocupação e processo de integração desses imigrantes. Procuramos igualmente identificar o contributo que trazem para o desenvolvimento da economia do país e o tipo de relacionamentos que mantêm com os cabo-verdianos.

Este tema pelo que consta é actual e pertinente por não ter sido ainda explorado convenientemente. Pois, há um grande número dos chamados “Mandjacos” em Cabo Verde que são discriminados pelos nacionais cabo-verdianos.

Segundo Eufémia Rocha (2009: 89), *Mandjakus são todos os Africanos, todas as gentes pretas que vêm de África.*<sup>1</sup> Deste modo, o termo é utilizado de forma discriminatória e pejorativa por certos elementos da sociedade cabo-verdiana. Estes imigrantes são cidadãos que se deslocam das suas terras de origem à procura de melhores condições de vida, assim como muitos cabo-verdianos da diáspora.

O nosso objectivo é o de trazer alguns subsídios para a reflexão mais séria e objectiva sobre o dia-a-dia dos “Mandjacos” na cidade da Praia, tentando identificar os problemas que enfrentam em alguns bairros da Capital, confrontar as atitudes dos cabo-verdianos com os *Mandjacos*, analisar os factores e as medidas relacionadas com o

---

<sup>1</sup> *Mandjakus são todos os africanos, todas as gentes pretas que vêm de África: xenofobia e racismo em Cabo Verde*. Dissertação de Pós – Graduação em Ciências Sociais. Praia. Março de 2009.

processo de legalização e integração, e conhecer os meios de sobrevivências dos quais vivem, tentar compreender a visão que eles têm dos cabo-verdianos. Para além disso, pretendemos contribuir, de alguma forma, para a melhoria de interação desses imigrantes com os cabo-verdianos.

Neste sentido, propomo-nos desenvolver este estudo a fim de podermos compreender a questão central da matéria em análise: Quem são os Mandjacos? Como é que tem sido o processo da sua integração na nossa comunidade? Como é que o governo encara o problema da imigração da Costa africana? Que contributo eles trazem para a economia do país? Como é que tem sido a coabitação com os Praienses? Como é que se sentem em Cabo Verde?

A metodologia utilizada ancora-se na consulta das referências bibliográficas que são bastante escassas para não dizer inexistentes e que nos leva a tentar tirar o máximo do proveito das publicações que fazem referência à problemática da imigração africana em Cabo Verde. As outras informações foram recolhidas através das entrevistas feitas aos próprios imigrantes africanos, na feira de Sucupira e nalguns bairros da Capital, nomeadamente: Eugénio Lima, Achadinha, Pensamento, Palmarejo, Vila Nova e Várzea que possuem um leque de informações valiosas e de modo particular. Entrevistámos 25 pessoas no total, de forma individualizada, mas o trabalho centra-se em 8 entrevistados.

Utilizámos a análise qualitativa onde privilegiamos a observação participante, na sequência da qual realizámos uma série de entrevistas aos imigrantes de nacionalidades diferentes, oriundos da CEDEAO. Para além das entrevistas livres e semiabertas, procuramos estabelecer conversas informais com eles e utilizámos igualmente gravador e MP3 para recolher os depoimentos e opiniões dos Mandjacos e de alguns cabo-verdianos.

O presente trabalho, para além da introdução e conclusão, encontra-se estruturalmente organizado em quatro capítulos e uma dezena de itens.

No primeiro capítulo, faremos um breve historial da imigração cabo-verdiana a fim de facilitar a compreensão do contexto histórico em que se desenvolve a temática, em estudo.

No segundo capítulo, apresentaremos alguns gráficos que representam o movimento de entrada e saída de imigrantes da CEDEAO em Cabo Verde.

No terceiro capítulo, debruçar-nos-emos essencialmente sobre a concepção do termo Mandjacos comumente designado pelos cabo-verdianos. Também será feita uma análise qualitativa das informações recolhidas durante a entrevista feita a alguns entrevistados nos seus locais de trabalho, tendo como foco principal na feira de Sucupira e em alguns bairros da Capital onde deslocámos várias vezes tentando conhecer um pouco dos seus quotidianos. Ainda faremos a reflexão sobre os factores de interculturalidade, os comportamentos etnocentrismo dos cabo-verdianos, a integração dos africanos em Cabo Verde.

No quarto capítulo, a nossa observação centra-se na ocupação dos Mandjacos na cidade da Praia, trabalhos de construção civil, actividades comerciais, olhar dos cabo-verdianos em relação a eles, as considerações finais, bibliografia e anexos.

Por ser um trabalho de investigação mais ligado ao estudo de caso, temos desafio em levantar hipóteses teóricas que simultaneamente sejam adequadas não só aos fenómenos em estudo, mas também que permitam prever outros fenómenos que com estes se relacionam. Iremos focalizar fundamentalmente em alguns conceitos e definições no campo sociocultural de acordo com o tema que propusemos a analisar.

Deste modo, a essência teórica em que se inscreve este trabalho monográfico vai basear-se nos pressupostos teóricos no campo sociocultural e que se versam fundamentalmente em emigração e/ou imigração, a discriminação racial, a designação do termo Mandjacos, atribuídos pelos cabo-verdianos bem como as questões relacionadas com imigração oeste africana, nomeadamente, a integração de Cabo Verde quadro da CEDEAO e o Protocolo de livre circulação de pessoas e bens.

São vários os teóricos que se debruçaram sobre os fenómenos da migração ao longo dos séculos. Para Jansen, *A migração é um problema demográfico que influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema económico porque muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios económicos entre diferentes áreas e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afectados pela migração e em contrapartida, afectam o migrante.*<sup>2</sup> Neste caso, vê-se que é necessário estabelecer as diferenças de oportunidades entre os países de origem que determinam os

---

<sup>2</sup> <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200411.pdf>, consulta 31/10/09, às 12horas.

movimentos migratórios e é preciso ter em conta as diferenças de oportunidade oferecidas no interior do próprio país de partida.

Para Rocha-Trindade (1995:31), a emigração assume formas e características diversas, espaciais ou temporal, em função de variáveis políticas, económicas e sociais. Emigrar significa, portanto, deixar a pátria ou a terra própria para se refugiar, trabalhar temporariamente ou estabelecer residência num lugar estranho. Desta forma é de notar que o emigrante é um nacional ausente, com perda pouco significativa de direitos no país de onde provém e, talvez até, uma certa diminuição dos deveres e obrigações inerentes à sua qualidade de cidadão.

Para esta autora, o contrário é o *imigrante*, que é um estranho vindo de fora, encontrando uma sociedade que provavelmente desconhece e onde terá de inserir-se, sujeitando às leis que a administram (idem, 1995:35). Com isso, depara-se com o fenómeno da imigração africana no próprio continente ou seja os imigrantes africanos escolheram Cabo Verde à procura de melhores condições de vida.

O fenómeno que envolve a imigração africana integra-se no quadro da CEDEAO, com o Protocolo de livre circulação de pessoas e bens. A partir deste quadro deparámo-nos com a entrada dos imigrantes dos países membros CEDEAO em Cabo Verde, de que os imigrantes estão descontentes com a designação do termo Mandjaco que lhes são atribuídos pelos cabo-verdianos de forma imprecisa, inadequado e discriminatório.

Para Eufémia Rocha (2009: 89), *Mandjakus* é um termo racista, xenófobo e guetista por parte daqueles que vivem a condição de imigrantes africanos. Deste modo, destacam-se os imigrantes africanos que são designados de Mandjacos com discriminação e preconceito de modo a estabelecer o distanciamento entre os nossos vizinhos e os cabo-verdianos, em não aceitar aqueles que fazem parte da nossa história.

Para o antigo Presidente de Portugal, Mário Soares<sup>3</sup> *o racismo começa quando a diferença real é usada para justificar uma agressão. Uma agressão que assenta na incapacidade para compreender o outro, para aceitar as diferenças e para se empenhar no diálogo.* Com isso, mostra que o homem dá muita importância à cor da pele do seu

---

<sup>3</sup> <http://www.casadobrasildelisboa.rcts.pt/arq-artigos/racismo-xenofobia-europa.doc>, consulta 07/06/2010, às 11 horas.

semelhante e a diferença da cor da pele entre os povos constitui um obstáculo determinante para a comunicação entre as pessoas.

Reconhecemos que a abordagem desta temática exige uma preparação teórica em outras áreas dos conhecimentos, como a etnologia que foram importantes para a materialização dos objectivos preconizados. Encontrámos muitas dificuldades na realização deste trabalho. A insuficiência de documentos escritos foi um outro factor determinante, por isso faremos de tudo o que estiver ao nosso alcance para trazer o conhecimento sobre os Mandjacos, embora estejamos cientes de que o tema em questão não se esgota aqui.

## Capítulo I - Breve historial da imigração Cabo-verdiana

Neste capítulo apresentámos um breve historial da imigração cabo-verdiana, a fim de facilitar a compreensão da perspectiva histórica que desenvolve a temática em estudo. Ainda debruçamo-nos sobre a integração de Cabo Verde na CEDEAO em confronto com o fluxo de imigração africana a partir do momento em que o arquipélago tornou-se membro do Tratado de Lagos e Protocolo de livre circulação de pessoas e bens.

Segundo António Carreira (1983a:56/57), o fenómeno de emigração iniciou muito cedo quando a coroa portuguesa tentou controlar as actividades comerciais dos moradores das Ilhas de Santiago e Fogo, no século XV, no rio da Guiné e que vai para toda Costa do Senegal à Serra Leoa, o que contribuiu para o aparecimento dos *Lançados* “*cristãos e judeus de Santiago que se instalaram nos rios e portos da Guiné, a praticar actividades comerciais sem a autorização dada pela coroa*”. Assim, eles eram constituídos por apenas brancos de Santiago, mas depois surgiram mestiços e negros livres, que se lhes juntaram, nas práticas das actividades comerciais ilegais. Eram comerciantes intermediários entre os traficantes europeus e nacionais nos negócios com as populações. Sendo assim, constata-se que o fenómeno da emigração está quase sempre ligado à questão económica.

Para Daniel Pereira (1998:81) estes emigrantes procuravam na Costa Africana aquilo que não conseguiam encontrar no arquipélago que eram lucros fáceis e sem interferência da metrópole. Ao contrário dos Lançados apareceram outros transgressores da lei: os *Tangomaos* que na afirmação de António Carreira (1983a:65), significa *portugueses que viviam entre os negros, cujos costumes se adoptavam; negociantes de escravos negros; o que enfeita as mercadorias, para que tenham melhor venda [...]*.

De acordo com José De Barros (2008:116/117) a emigração Cabo-verdiana para Dacar situa na mesma época que a da Guiné, mas até a segunda metade do século XIX, representava a fixação dos Cabo-verdianos ali e também era utilizado como um local intermediário para outros lugares. Na afirmação de Elisa Andrade *muitos Cabo-*

*verdianos, sobretudo jovens, por não poderem pagar bilhete de transporte para Europa ou Estados Unidos, partem para Dacar onde trabalham o tempo necessário para pagarem o seu bilhete para Europa ou empregam-se também como marinheiros em barcos* (1996:147). Nesta altura, Senegal constituía um excelente mercado de trabalho alternativo para Cabo Verde e os salários oferecidos eram superiores aos que tinham em Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe.

Ainda é indubitável que a emigração para Estados Unidos foi uma consequência directa da pesca da baleia, nos mares de Cabo Verde, que na opinião de António Carreira (1983b:65), este fenómeno teve início no final do século XVII e princípios do século XVIII, orientado para América do Norte entre 1685 e 1700. Nessa época, muitos Cabo-verdianos emigraram para Estados Unidos com os baleeiros americanos que começaram com a pesca de cetáceos nos mares de arquipélago.

É através das actividades ligadas à pesca da baleia e pelas necessidades de alguns géneros alimentícios, a água e o sal que os americanos estabelecem uma relação com os filhos das Ilhas do Fogo e da Brava, abrindo-lhes o caminho para a entrada nos Estados Unidos. Segundo este autor, ainda durante o século XIX e início do século XX, apanhavam-se baleias nos mares do arquipélago.

Contudo, a primeira emigração forçada dos trabalhadores do arquipélago foi para Guiné na segunda metade século XVIII, de que muitos homens cabo-verdianos foram trabalhar nas construções da fortaleza em Bissau durante a vigência da companhia do Grão-Pará e Maranhão (Carreira, 1983b:148). Desta emigração foram carpinteiros, ferreiros, pedreiros, escravos negros, entre outros, para a construção da fortaleza com objectivo de proteger o comércio, impedindo-o de ser roubado pelos assaltantes nativos e estrangeiros.

Para o referido autor, a história da emigração forçada para S.Tomé, então colónia portuguesa, teria sido iniciada em 1863, data do primeiro recrutamento oficial de serviçais cabo-verdianos para roças de S. Tomé e Príncipe (1983:149). Esta emigração está relacionada com a tremenda fome de 1863 a 1866, de que a Metrópole ao tomar conhecimento da gravidade da situação de crise que assolava as Ilhas distribuiu os cabo-verdianos pelos vários pontos como S. Tomé, Guiné-Bissau, Rio de Janeiro etc.



O mesmo autor realça que a emigração forçada de 1902 a 1970, com destino a São Tomé e outros países africanos, foi impulsionada por iniciativa do governo através de leis, recrutando mão-de-obra braçal para trabalhar nas roças de café e cacau (idem, 1983b:252). Muitos cabo-verdianos eram recrutados para trabalharem nesses países, recebendo salários miseráveis e viviam em condições desumanas.

É de se salientar que o autor divide as migrações cabo-verdianas por fases:

A *primeira fase* que decorre de 1900 a 1920 está ligada à pesca da baleia onde é marcada com o fluxo de emigração espontânea orientada para Estados Unidos. Os baleeiros americanos contratavam trabalhadores cabo-verdianos para trabalhar no navio, seguindo rumo à América, a procura de melhores condições de vida. Esta emigração era causada pela influência exercida pelos descendentes dos pioneiros que ali estavam radicados e que mandavam buscar familiares e patrícios.

A *segunda fase* que decorre de 1927 a 1945 (não existem dados de 1921-1926) verifica -se duas tendências na emigração Cabo-verdiana:

- A primeira tendência verifica a redução da saída dos emigrantes Cabo-verdianos;
- A segunda tendência está relacionada com o desvio das correntes migratórias de Estados Unidos para outros lugares, devido ao facto de a legislação americana proibir a entrada de analfabetos, e depois estabelecendo uma cota para a entrada de emigrantes neste país. Ainda nesta nova rota de migração era provocada pela fome que assolava as Ilhas e os povos do arquipélago procuravam refúgios noutros lugares tomando rumo para Senegal, Angola, S.Tomé e Príncipe entre outros (idem, 1983:99-106).

A *terceira fase* que decorre entre 1946 a 1973 refere a uma fase do grande êxodo e da diáspora é marcada por uma viragem de novas direcções dos emigrantes devido a preferência dada as circunstâncias que levaram os Cabo-verdianos à procura de mercado de trabalho na Europa (idem, 1983:137). O primeiro país foi a Holanda seguido dos restantes países da Europa, tais como: Portugal, França, Luxemburgo, Itália, Suíça etc., e nestes países os emigrantes conseguiram atingir os seus objectivos.

Para João Lopes Filho (2009:42)., quando se fala da emigração em Cabo Verde em que a maioria era homem, nesta altura ocorreu um fluxo de mulheres para a Itália (oriundo de barlavento), e para Portugal desempenhando a função de empregada doméstica. Com isso, verifica-se que as mulheres emigraram menos do que os homens e nalgumas ocasiões só os homens é que emigraram.

Segundo o autor supracitado, de 1974 a 1975 houve uma saída dos emigrantes para Portugal, local utilizado como intermediário para atingir outros países da Europa (idem, 2009:42). Deste modo, continua a tradição dos emigrantes Cabo-verdianos em utilizar um país como destino para outros países.

Tradicionalmente país de emigração, Cabo Verde transforma-se num foco de acolhimento de imigrantes provenientes da Costa Ocidental Africana. Desta forma, destacam-se os imigrantes da África Ocidental que no quadro da CEDEAO escolhem Cabo Verde como uma etapa em percursos migratórios mais longos no âmbito do protocolo de livre circulação de pessoas e bens. Ainda devido às dificuldades do controlo das costas marítimas, existem fortes possibilidades de pessoas desembarcarem nas zonas costeiras das ilhas sem uma fiscalização.

### **1.1- A Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO)**

Na afirmação do Consultor José António M. dos Reis, a CEDEAO foi fundada em Lagos, a 28 de Maio de 1975. Cabo Verde, depois da obtenção de estatuto de Estado independente em 5 de Julho de 1975, *subscreveu ao Tratado constitutivo da CEDEAO em 1977, dois anos depois da sua independência. O parlamento ratificou o documento do Tratado, 4 anos depois da sua subscrição, concebendo com essa decisão todas as condições para a plena adesão do país à comunidade.* (Cabral, I e Furtado, C. 2008:83/84).

De acordo com o *Tratado*, na opinião de José Luís Rocha, a Comunidade tem por finalidade a cooperação e a integração na perspectiva de uma união económica da África do oeste com vista à melhoria das condições de vida das populações, ao desenvolvimento económico e ao reforço das relações entre os Estados membros. (idem, 2008: 118).

Segundo o jornal Expresso das Ilhas. Nº 448. 30 de Junho de 2010:2, a CEDEAO é constituída por 15 Estados, dois lusófonos (Cabo Verde e Guiné-Bissau), oito francófonos (Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Guiné Conakry, Mali, Níger, Senegal, e Togo) e cinco anglófonos (Gâmbia, Gana, Libéria, Nigéria e Serra Leoa), que integram a região da África Ocidental.

Friedrich Stiftung (2001:120) refere que *o objectivo geral da CEDEAO* consistem em promover a cooperação e integração na actividade económica, social e cultural, que conduzem ao estabelecimento de uma união monetária económica através da integração e das economias nacionais dos Estados Membros, isto é, elevar o nível de vida dos seus povos, manter e promover a estabilidade económica, encorajar as relações entre os Estados e contribuir para o progresso e desenvolvimento da África do Oeste.

Para o Diplomata Manuel Amarante Rosa, o Tratado de Lagos de 1975, era reconhecido por todos os chefes de Estado e de Governo, nos anos 80 como sendo inadequado para satisfazer os desafios da integração e o Tratado foi revisto em 1993, e entrou em vigor em 1995 (Cabral, Iva e Furtado, Cláudio, 2008: 127).

Na opinião do referido Diplomata, havia necessidade de se reestruturar a CEDEAO de forma a: adequá-la ao lançamento de grandes projectos de base (estradas, telecomunicações, energia); intensificar as trocas comerciais intra-regionais; pôr cobro ao problema de acumulação de dívidas externas tanto dos Estados membros como da própria organização; encontrar formas de afastar os conflitos e tensões no seio dos membros da organização (idem, 2008:128).

## **1.2. - Protocolo de livre circulação dos imigrantes da África Ocidental.**

Cabo Verde, ao aderir o *Tratado* que cria a CEDEAO nas condições estabelecidas, tinha reconhecido e aceitado, tal como outros estados-membros, o protocolo de livre circulação de pessoas. Este protocolo foi assinado em Dakar, em 29 de Maio de 1979 e ratificado por Cabo Verde, através da lei nº 18/II/82 de 30 de Março, publicado no suplemento ao Boletim Oficial nº 18, de Maio.

Com a entrada em vigor deste Protocolo, os imigrantes dos países membros da CEDEAO têm o direito de *entrada*, de *residência* e de *estabelecimento* no território nacional que seria efectuado durante um *período máximo de quinze anos*, a contar com a data da entrada definitiva em vigor do citado Protocolo, *mediante a eliminação de todos os obstáculos à livre circulação das pessoas e o direito de residência e de estabelecimento* (Monteiro, C. 2001:124). Todavia, antes do referido Protocolo, os cabo-verdianos já se encontravam espalhados pela África, no caso de Senegal, Guiné-Bissau entre outros.

### **1.3 - Medidas legislativas.**

Em termos jurídicos, a situação dos imigrantes em Cabo Verde é regulada e sustentada pelo Decreto - Legislativo nº 6/97, de 5 de Maio, publicado no Boletim Oficial nº 17, I Série em substituição da Lei nº93/III/90, de 27 de Outubro, em decorrência da *circulação de pessoa e de controlo eficaz das fronteiras e acesso ao território nacional*, obedecendo sempre às exigências e as convenções internacionais.

Mas foi nos finais da década de 80 verifica-se à chegada dos primeiros imigrantes africanos em Cabo Verde. E só a partir de 1990 que se conheceu o fluxo migratório dos imigrantes da África do oeste, oriundo de alguns países africanos, devido a entrada em vigor do Protocolo da Livre Circulação de Pessoas e o Direito de Residência e Estabelecimento no quadro da CEDEAO, assinado em Dakar, em 1979, e ratificado por Cabo Verde pela lei nº 18/II/82.

Segundo a Direcção de Emigração e Fronteiras<sup>4</sup>, os imigrantes africanos no quadro da CEDEAO entram em Cabo Verde mediante algumas condições necessárias exigido pelo Artigo 19º do Decreto Regulamentar Nº11/99, nomeadamente uma quantia de 20.000\$00 por cada entrada; 10.000\$00 por cada dia de permanência e/ou ainda um termo de responsabilidade assinado por uma pessoa idónea em Cabo Verde.

Após a entrada em Cabo Verde, esses imigrantes têm um período máximo de 90 dias a contar da data da entrada no país para ter uma estadia legal. Caso queiram ficar mais tempo, têm que solicitar um visto de permanência que lhes é atribuída nos

---

<sup>4</sup> Informações integrada na Direcção de Emigração e Fronteira que é encarregada da fiscalização dos movimentos transfronteiriços do país de entrada e saída de imigrantes ao nível de porto e aeroporto, e de permanência dos imigrantes/estrangeiros em Cabo Verde.

Serviços de Emigração e Fronteiras. Estes vistos são renováveis num número máximo de três vezes e a partir deste momento eles têm que ausentar de Cabo Verde sob pena de cair na situação de ilegalidade. Estando os imigrantes nesta situação, ao saírem de Cabo Verde devem pagar uma quantia de dez mil escudos referente a multa que é exigida.

Para os que beneficiam de estatuto de refugiados, os cônjuges e descendentes dos naturais de Cabo Verde estão isentos de visto de entrada e permanência por um período de até 90 dias.

Os imigrantes senegaleses podem entrar em Cabo Verde mediante a exibição de Bilhete de Identidade válido, caso não sejam titulares de passaporte ou outro documento equivalente.

Quanto à autorização de residência, 3611 é o número total de imigrantes da CEDEAO em Cabo Verde que já tem autorização de residência até Janeiro de 2010. Deste dado, 2065 é o número total de imigrantes que se encontram em situação legal e os restantes 1546 estão na clandestinidade.

Esta é a estimativa oficial, mas daquilo que podemos constatar no terreno há muitos imigrantes residentes em Cabo Verde cujas autoridades cabo-verdianas ignoram completamente. O que leva a crer que possa existir, eventualmente um número muito mais elevado do que a estimativa oficial. Há meses atrás houve uma entrevista de um cidadão em Santa Catarina a dizer que “há mais de mil Mandjacos naquele Concelho deambulando pelo território sem qualquer controlo por parte das autoridades Cabo-verdianas”. Se esta tendência continuar, a situação não pode deixar de constituir alguma preocupação por parte de certos residentes cabo-verdianos sobretudo, daqueles que vivem nas localidades isoladas que se sentem obrigados a conviver com pessoas sem identidade. Entendemos ser necessário de quem de direito saber, quem são, quantos são, onde estão, como estão e o que fazem os ditos Mandjacos em Cabo Verde. Isso é para um melhor controlo e maior sentimento de segurança por parte dos cidadãos nacionais.

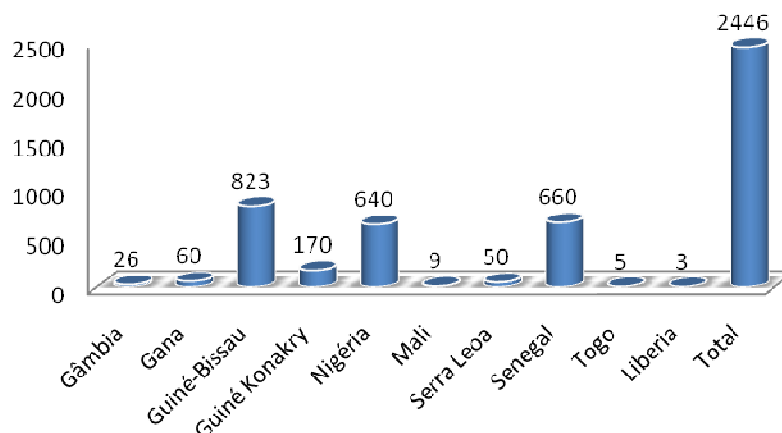
Neste contexto, o ex-Ministro da Economia, José Tomas Veiga, no jornal *Expresso das ilhas*, de 08 Dezembro de 2004, mostrou a sua preocupação face ao problema da imigração, realçando o seguinte: *estamos a tempo de agarrar este problema e dar-lhe uma solução justa e equilibrada* (É TEMPO...,13). Contudo, não se pode considerar que o número actual de imigrantes seja preocupante, mas na

eventualidade de um crescimento rápido dos imigrantes num futuro próximo e a marginalização a que eles estão sujeitos na nossa sociedade.

Salientou que a instabilidade na região oeste africana (Guiné-Bissau, Costa do Marfim, Libéria entre outros) e a liberdade de livre circulação no âmbito da CEDEAO podem ter como consequência um fluxo de potenciais imigrantes que procuram fugir à violência e à miséria. A grande questão é saber se o país apresenta condições para acolher um fluxo acrescido de imigrantes, mas sim por um “acolher com dignidade” e não da forma como está.

Ainda no que diz respeito ao *Número de Processo de Pedido de Autorização de Residência*, o mesmo órgão demonstra a quantidade de processo de alguns dos imigrantes africanos de 1993 a 2010, conforme consta o gráfico seguinte:

**Gráfico nº 1- Nº de Pedido por nacionalidade**



**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras.**

De acordo com a DEF, o número de processo de pedido de autorização de residência a partir de 1975 até 1992 não se encontra registado, mas houve entrada de imigrantes no arquipélago neste período. No que refere aos outros países da CEDEAO que não foram mencionados não existe nenhum processo identificados.

Com efeito, muitos destes imigrantes utilizam Cabo Verde como um ponto de passagem para Europa e América embora outros o escolham como país de destino, onde

vivem com as famílias, os amigos e os conhecidos. Com a crescente entrada destes imigrantes no país, alguns cabo-verdianos passaram a designá-los de *Mandjacós*, termo utilizado de forma discriminatória e depreciativa a todos os imigrantes da África, principalmente aqueles que desempenham a função do comércio informal na feira de Sucupira e nalguns bairros da Praia.

#### **1.4- Integração de Cabo Verde na CEDEAO**

O momento histórico vivido na época de criação da CEDEAO justifica a adesão de Cabo Verde. Os representantes procuravam raízes africanas, os padrões, os meios de agrupamento e a integração com o fim de promover o desenvolvimento dos países da África Ocidental e a melhoria de condições de vida das suas populações.

O nosso arquipélago ao aderir ao Tratado nas condições estabelecidas pela conferência que institui a CEDEAO acabou por integrar no seu ordenamento jurídico, as convenções da Comunidade, por decisão com força na *lei n.º 2/81: Recebe na Ordem Jurídica Interna da Republica de Cabo Verde, o Tratado da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental* (C.E.D.E.A.O)<sup>5</sup>.

Segundo José Maria Semedo no Ateliê (2007)<sup>6</sup>, *a busca de âncoras continua a ser um grande desafio para o arquipélago que não pode correr o risco de aumentar o seu isolamento num mundo em globalização*. Com isso, demonstra que Cabo Verde tem de estabelecer parcerias com outros países da sub-região a fim de poder acompanhar os efeitos da modernidade.

Cabo Verde, ao pertencer à Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, tem feito alguns esforços para integrar no ordenamento jurídico um conjunto de convenções designadamente a livre circulação de pessoas e bens. É neste quadro que se tem vindo a registar nos últimos anos uma forte circulação de pessoas, transformando o país num centro de imigração pela primeira vez na sua história.

Cabo Verde foi graduado recentemente pelas Nações Unidas como sendo país de desenvolvimento médio e com isso vai confrontar com uma série de desafios na nova

---

<sup>5</sup> Boletim Oficial da Republica de Cabo Verde, quarta-feira, N.º6, do 5.º Suplemento 11 de Fevereiro de 1981.

<sup>6</sup> Relatório Final do Ateliê: Os Estados – nações e o desafio de integração regional na África de Oeste, 2007, p. 3.

realidade. A tendência de diminuir a ajuda pública ao desenvolvimento exige do Governo e da Nação uma capacidade empreendedora de procuras de parcerias públicas, privadas e internacionais que possam assegurar os processos de desenvolvimento económico a competitividade do país.

Na afirmação de Vera Duarte, o novo fenómeno sob o qual Cabo Verde se apresenta, apesar de carecer de um estudo mais sistematizado a respeito, demonstra, indubitavelmente, que o país tornou-se um ponto de destino cobiçado pelos países vizinhos. O número de imigrantes de outros países africanos, como da Nigéria, Gana, Senegal, Guiné-Bissau entre outros aumentou perceptivelmente. (Cabral, Iva e Furtado, Cláudio. 2008:84). Então, a partir daí, Cabo Verde como um país de emigração já é também um País de imigração e, por mérito próprio, está a experimentar um crescimento económico necessitando de mão-de-obra dos imigrantes africanos da Costa Ocidental.

De acordo com Vladimir Monteiro, no jornal *A Semana*, Segunda-feira, 06 de Março de 1995:3, *Cabo Verde, um país de emigração, a sua política é manter os braços abertos, acolher os imigrantes e fazer com que gozem de boas condições de vida*. De uma forma geral, isso não está sendo posto em prática visto que existe um grande distanciamento entre os cabo-verdianos e os imigrantes africanos, e isto se deve ao nosso fechamento enquanto sociedade de acolhimento. Conhecemos bastante mal os nossos vizinhos devido a ignorância e ao preconceito racial ao atribuir-lhes o termo Mandjaco.

Mas, para alguns desses imigrantes há uma certa facilidade de interagirem com os cabo-verdianos, tendo em conta que convivem com os cidadãos nacionais, frequentando lugares públicos como bares, discotecas. “Arranjam” namoradas e/ou namorados e outros até casam com os cabo-verdianos. Também o período de tempo que alguns passam em Cabo Verde possibilita alguma forma de convívio com os cabo-verdianos.

Segundo Primeiro-Ministro, José Maria Neves, no jornal. *A Nação*. Nº 140. 06 a 12/05/2010:34, reafirmou *o compromisso de Cabo Verde é de sediar uma escola regional para a Protecção Civil da Comunidade Económica dos Estados da África do Oeste (CEDEAO), e garantiu ainda que vai ser instalada no nosso país, a Base*



*Logística Marítima Regional daquela comunidade para a Protecção Civil e Apoio Humanitário.*

A nosso ver, isso demonstra a preocupação do Governo relativamente à integração dos imigrantes na comunidade cabo-verdiana, de forma a interagir com a sociedade nos aspectos sociais, culturais, psicológicos e recreativos para a melhoria das suas condições de vida. E ainda, para verem os seus direitos respeitados e viver com mais dignidade.

Para finalizar este capítulo pretendemos mostrar que Cabo Verde, como país de emigração ao longo dos séculos, transforma-se num país de acolhimento dos imigrantes africanos no quadro da CEDEAO, reflectido sob o protocolo de livre circulação de pessoas e bens. Com a entrada do referido Protocolo, os imigrantes dos países membros da CEDEAO têm o direito de entrar, residir, e de estabelecer no território nacional, mediante as condições referida, anteriormente, com a condição de respeitar as legislações dos respectivos países. Para isso, necessário se torna saber quem é quem para se poder fazer cumprir as leis da República de Cabo Verde.

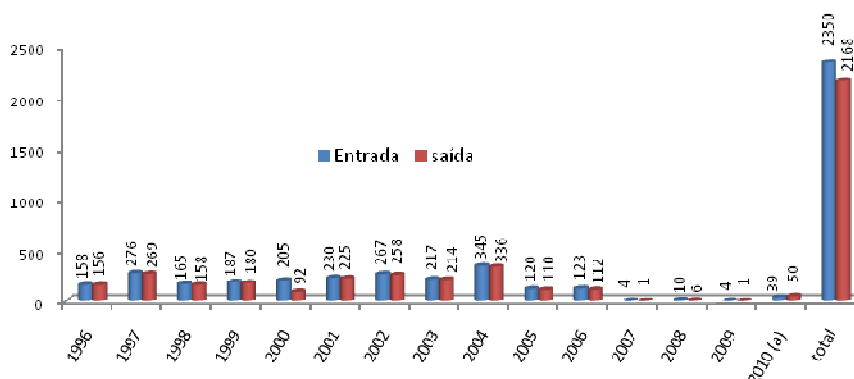
Sendo assim, Cabo Verde a partir dos anos 90 conheceu um fenómeno novo com a entrada de um número significativo dos imigrantes resultantes dos acordos de integração regional e à ratificação do respectivo tratado. Com a entrada dos imigrantes da África Ocidental, os cabo-verdianos passaram, como atrás foi dito, a designar todos imigrantes provenientes do continente africano de *Mandjacos*. Os vendedores da costa africana passaram a ser mal vistos pelos nacionais, na medida em que passaram a fazer concorrência com os cabo-verdianos

O termo é utilizado de forma pejorativa por uns, com a intenção de discriminar, desprezar e desvalorizar, mas por outros é apenas para comunicar ou diferenciar dos nacionais sem intenção de ofensa. Na realidade existem os *Manjacos* que pertencem a um grupo étnico na Guiné-Bissau. Por conseguinte, é inadequado tratar todos os imigrantes de outros países da Costa Africana de Mandjacos. Daí a razão, pela qual eles se sentem desprezados, marginalizados e diferenciados em relação aos imigrantes de outros continentes particularmente os asiáticos, europeus e entre outros. Para além, de ser discriminatório é impreciso, uma vez que eles são provenientes de países que não têm nada a ver com a Guiné-Bissau.

## Capítulo II- Movimento de entrada e saída dos imigrantes da CEDEAO<sup>7</sup>.

No segundo capítulo, apresentaremos os dados através dos gráficos sobre a entrada e a saída dos imigrantes provenientes de alguns países da CEDEAO, a partir do ano 1996 até ao primeiro semestre de 2010. Além disso, os referidos gráficos representam a quantidade desses imigrantes residentes no nosso país, ao longo desses anos, em seguida mostraremos as análises relativamente aos anos em destaque.

**Gráfico nº 2 - Imigrantes provenientes do Gana**



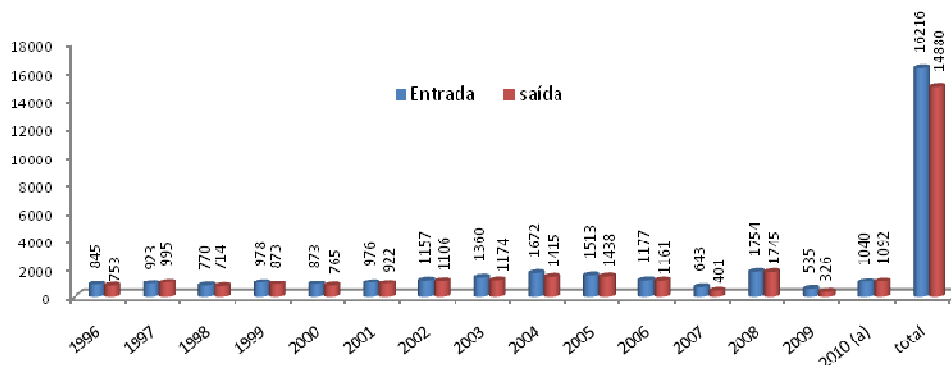
**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

(a) - Corresponde aos dados de entrada e saída fornecidos pela DEF, até Junho de 2010.

Em relação aos imigrantes oriundos da República do Gana houve uma diferença mínima entre os números de entrada e de saída, com variação em cada ano, em que o número máximo, tanto de entrada como o de saída regista-se no ano de 2004 (345 para as entradas e 336 para as saídas) e o número mínimo em 2007 e 2009 (4 para as entradas e 1 para as saídas). Neste caso, verificamos que ao longo desses anos, regista-se um total de 2350 entradas e 2168 saídas. Quer dizer que até ao primeiro semestre do ano 2010 permanecem 182 indivíduos ganeses em Cabo Verde.

<sup>7</sup> Cf. Direcção de Emigração e Fronteiras de Cabo Verde

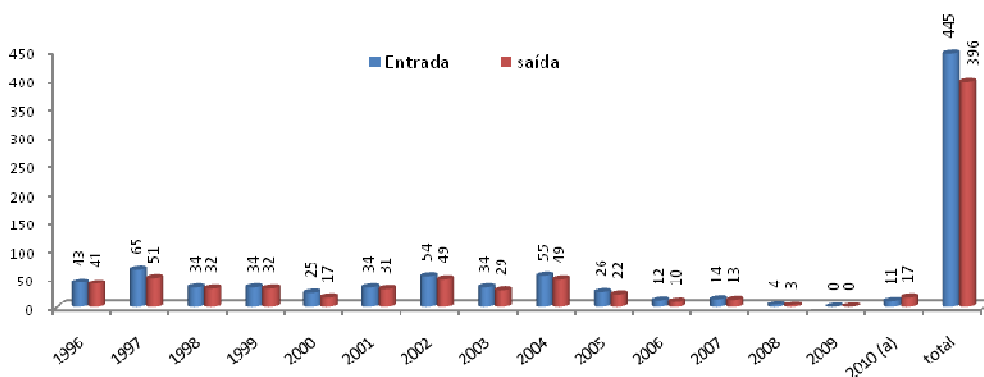
**Gráfico nº 3 - Imigrantes provenientes da Guiné-Bissau**



**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

Em relação à Guiné-Bissau, é um dos países da CEDEAO que tem o maior número de cidadãos em Cabo Verde, tendo em conta que, segundo os dados desde 1996 ao primeiro semestre de 2010, houve um número elevado das entradas dos cidadãos deste país, em que o máximo de entradas verificou-se no ano 2008 (1754) e o mínimo no mesmo ano (535), o máximo de saída foi de 1745 no ano de 2008 e o mínimo de 326 no ano 2009. O total das entradas é de 16216 e das saídas é de 14880 e, constata-se que existem cerca de 1336 indivíduos residentes em Cabo Verde.

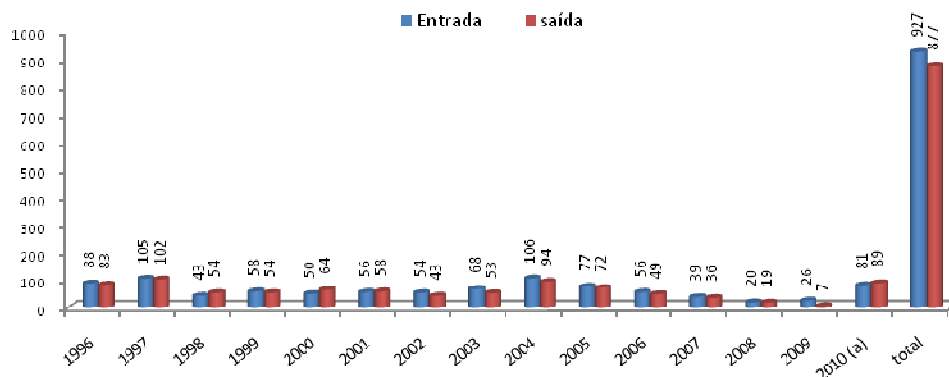
**Gráfico nº 4 - Imigrantes provenientes da Libéria**



**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

Para Libéria, verifica-se os movimentos de entrada e de saída desde 1996 até Junho de 2010 com a diferença mínima entre eles, com a excepção do ano 2009, em que os dados são nulos tanto na entrada como na saída. A entrada total dos imigrantes é de 445 e a saída é de 396. Deste modo, encontram-se 49 liberianos em Cabo Verde.

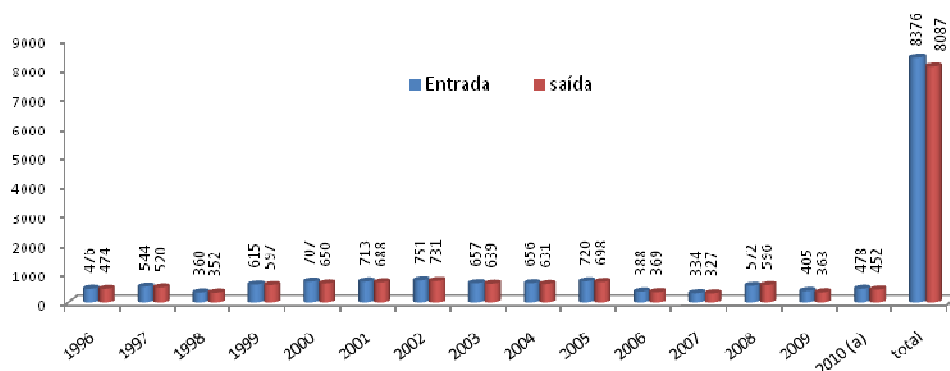
**Gráfico nº 5 - Imigrantes provenientes do Mali**



**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

Mali demonstra-nos quatro situações em que o número de saída foi superior ao da entrada (1998, 2000, 2001 e 2010). O número total da entrada foi de 927 cidadãos e o total de saída foi de 877. Até o mês de Junho do ano 2010 confere um total de 50 malianos residentes no país.

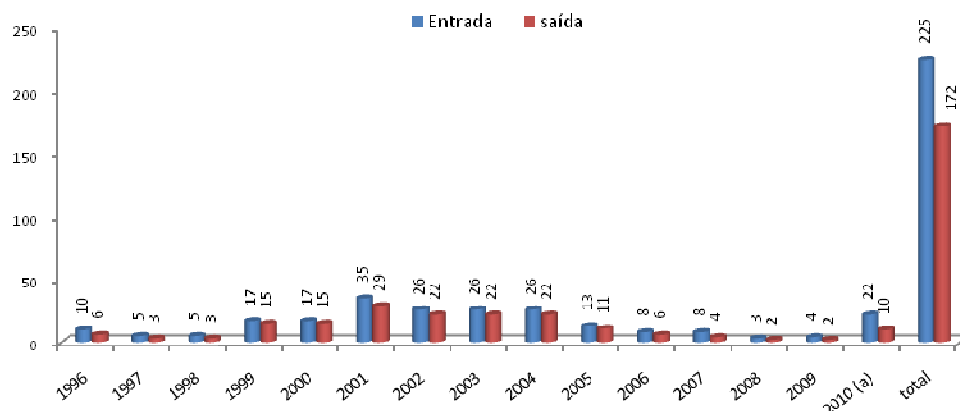
**Gráfico nº 6 - Imigrantes provenientes da Nigéria**



**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

Nigéria apresenta-nos o número máximo de entrada de 720 para o ano 2002 e o mínimo de 333 para o ano 2007. A entrada total desses indivíduos é de 8376 e a saída é de 8087, e se estabelecermos a diferença entre eles, teremos 289 nigerianos em Cabo Verde.

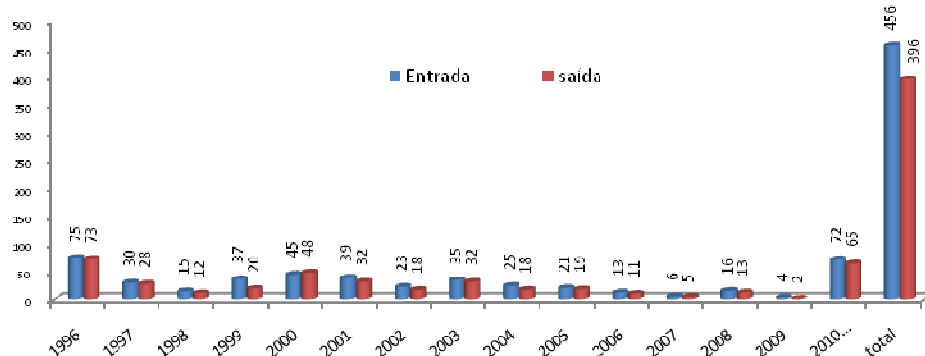
**Gráfico nº 7 - Imigrantes provenientes do Níger**



**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

No que refere ao Níger, neste momento encontram-se 53 cidadãos oriundos desse país, tendo em conta que o total é de 225 entradas e 172 saídas, e o ano em que verifica-se o maior número, tanto de entrada como de saída foi em 2001.

**Gráfico nº 8 - Imigrantes provenientes da Serra Leoa**

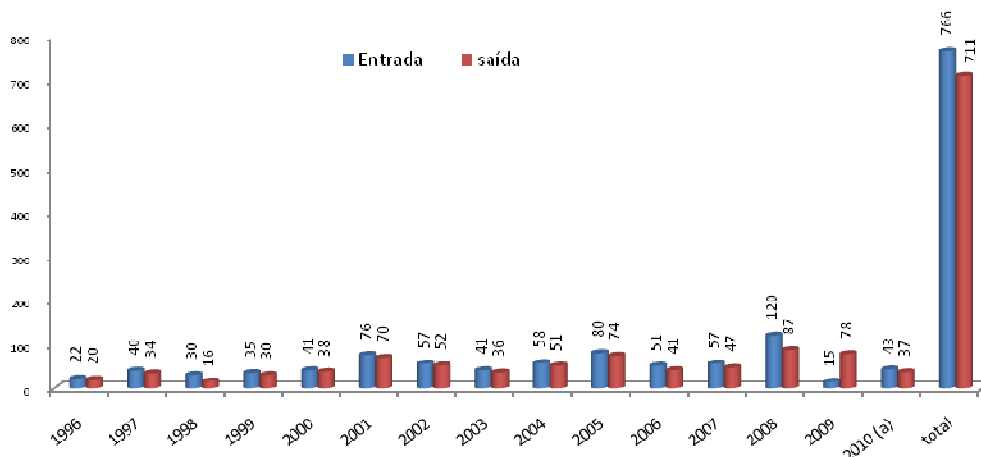


**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

O movimento dos serra-leoneses para o nosso país teve o seu maior registo nos anos 1996, com 75 entradas e 73 saídas e em 2010, até o mês de Junho, com 72 entradas. Houve anos em que se verificou um número muito baixo, tanto de entrada

como de saída (2007 e 2009). Neste momento residem 60 cidadãos desse país em Cabo Verde.

**Gráfico nº 9 - Imigrantes provenientes da Mauritânia**

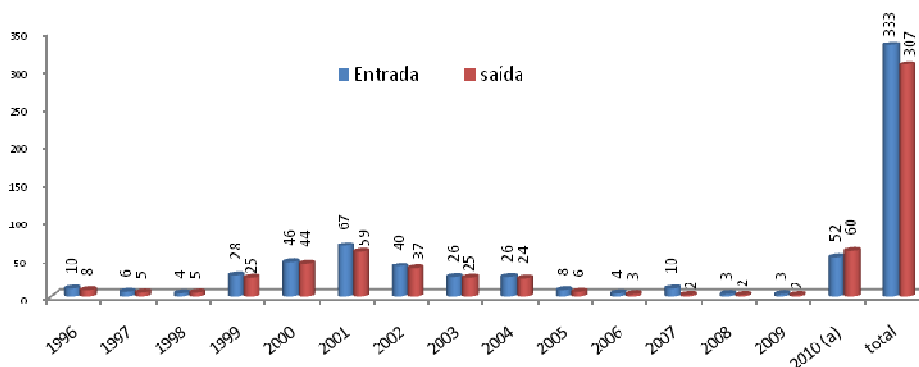


**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

Mauritânia continua a verificar uma pequena diferença entre o número de entrada e o de saída ao longo dos anos, em que a entrada é sempre superior à saída com a excepção do ano de 2009, tendo em conta que houve 78 saídas e 15 entradas. O ano em que se verifica o maior número de entradas (120) e de saídas (87) é o de 2008. Sendo assim podemos dizer que permanecem 55 cidadãos em Cabo Verde.

**Nota:** A Mauritânia deixou a CEDEAO em 2000, segundo (Iva Cabral e Cláudio Furtado. 2008:118).

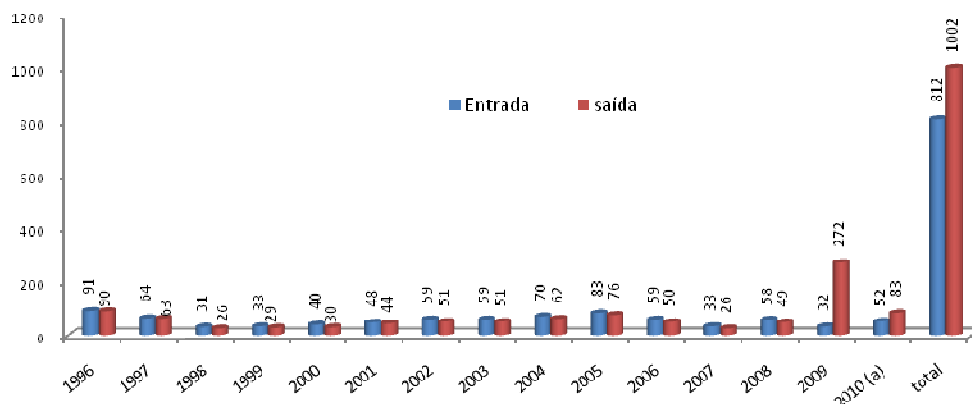
**Gráfico nº 10 - Imigrantes provenientes do Togo**



**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

Nos primeiros anos, ou seja, de 1996 a 1998 e de 2005 a 2009 o movimento de entrada e de saída foi muito fraco. A partir de 1999 esses movimentos começaram a aumentar, em que o seu ponto mais alto foi em 2001 com a entrada de 67 pessoas e 59 saídas. Os residentes togoleses no nosso país são 26 que corresponde à diferença entre o total de entrada (333) e o de saída (307).

**Gráfico nº 11 - Imigrantes provenientes da Costa de Marfim**



**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

Relativamente aos indivíduos costa-marfinenses, regista-se o maior número de entrada em 1996, ou seja, 91 indivíduos e o maior número de saída em 2009, em que saíram 272 indivíduos. Verificamos que o número total de entrada é de 812 e o de saída é de 1002, ficando assim com um saldo negativo de -190 cidadãos em Cabo Verde.

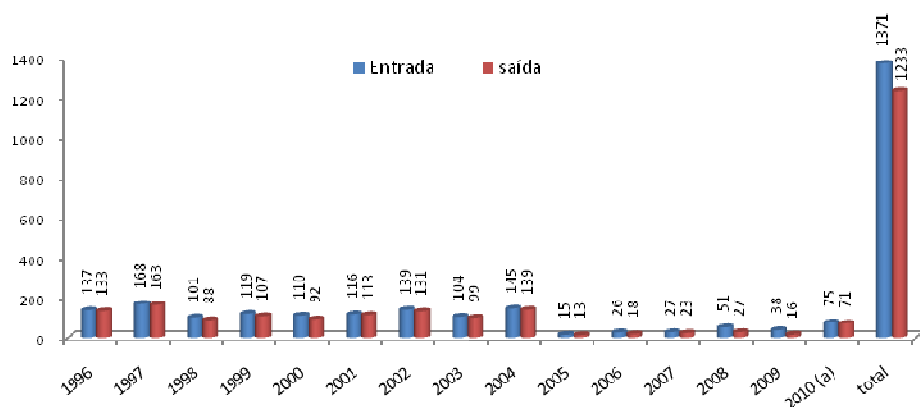
#### A questão que se coloca é:

Como é que o número de entrada pode ser inferior ao de saída, tendo em conta que, para sair, antes tem que entrar?

E ainda. Como é que esses imigrantes entraram em Cabo Verde?

Uma das respostas a essas perguntas, segundo Gilvanete Chantre é encontrada no jornal *A Semana*. Nº 867. Sexta-feira, 21 de Novembro de 2008:18, “cerca de 130 imigrantes oriundos da Guiné-Bissau, da Gâmbia, do Gana, do Senegal, e da Guiné-Conacri foram encontrados na costa da ilha do Sal no início de Outubro numa piroga. Desses cidadãos ilegais encontravam mulheres, crianças e adolescentes”. Com essa informação pode-se justificar o menor número de entrada de imigrantes em Cabo Verde (cf. do gráfico nº 11) em contraste com o maior número de saída.

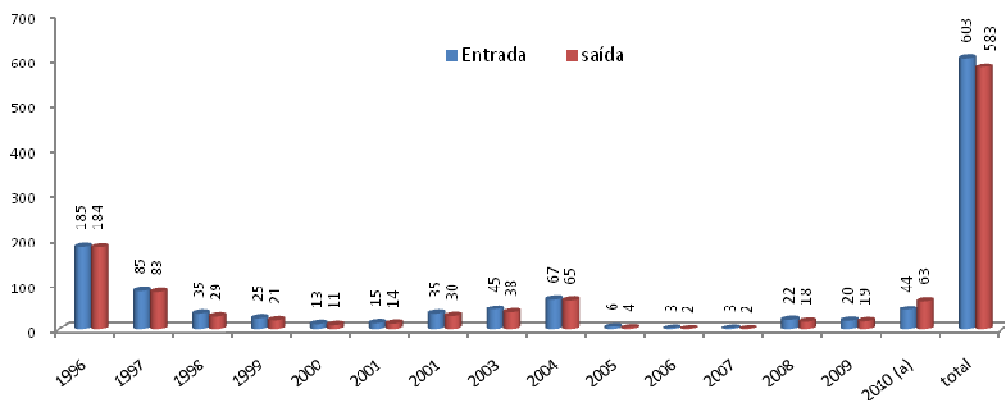
**Gráfico nº 12 - Imigrantes provenientes da Gâmbia**



**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

De 1996 a 2004 os imigrantes da Gâmbia entravam e saíam de Cabo Verde com maior frequência, a partir daí diminuiu muito até o primeiro semestre de 2010. Neste momento encontram-se 138 imigrantes em Cabo Verde.

**Gráfico nº 13 - Imigrantes provenientes do Benim**



**Fonte: Direcção de Emigração e Fronteiras**

O maior número de entrada dos imigrantes do Benin foi no ano de 1996 (185) e de saída (184) para o mesmo. Nos outros anos, o número baixou consideravelmente, tanto para a saída como para a entrada. O total de entrada é de 603 e de saída é de 583, ficando em permanência 20 imigrantes em Cabo Verde.

Portanto, verificamos que entre os países da CEDEAO, Guiné-Bissau (cf. Gráfico nº 3) e Nigéria (cf. Gráfico nº 6) apresentam o maior movimento dos imigrantes



de e para Cabo Verde, com a Guiné-Bissau em primeiro lugar e Níger (cf. Gráfico nº 7) a apresentar um registo muito fraco. Ainda depara-se com caso de imigrantes que estão a permanecer em Cabo Verde e que não se sabe como é que eles entraram (cf. Gráfico nº 11). A falta de controlo poderá levar as autoridades cabo-verdianas a tomar medidas erradas relativamente aos imigrantes, que poderá trazer consequências nefastas em termos políticos ou diplomáticos. Verifica-se também que muitos imigrantes conseguem entrar e permanecer no país de forma ilegal e que as autoridades desconhecem os números reais.

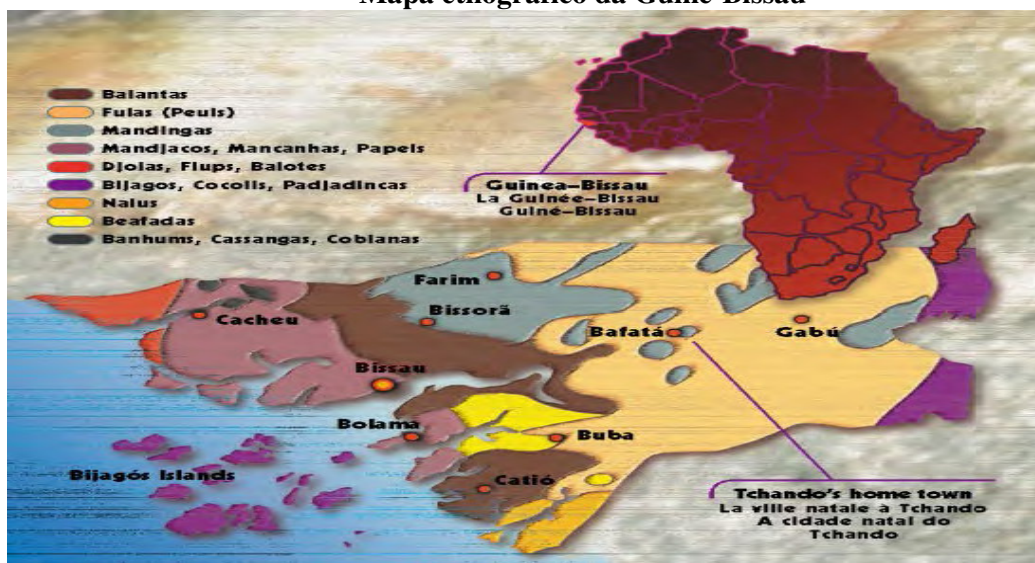
### Capítulo III- Abordagem conceitual dos “Manjacos” da Guiné-Bissau

No terceiro capítulo debruçar-nos-emos essencialmente sobre o conceito do termo Manjacos, comumente designado pelos cabo-verdianos.

Também foi feita uma análise qualitativa das informações recolhidas nos seus locais de trabalho, tendo como foco principal na feira de Sucupira e nalguns bairros da Capital. Ainda fizemos uma reflexão sobre os factores de interculturalidade, os comportamentos etnocêntricos dos cabo-verdianos e a integração dos africanos em Cabo Verde.

Dois são os significados para a abordagem conceitual do *Mandjaco*, um significado geral considerado pelos Cabo-verdianos de que todos os imigrantes que vêm da Costa Ocidental Africana são designados de Mandjacos, termo este utilizado de forma discriminatória, mas a designação propriamente dita, é *Manjaco*, povo que ocupa na Guiné Portuguesa a parte do litoral compreendida entre as rias de Cacheu e Mansoa (verificar o mapa seguinte). *Manjaco* era língua vernácula, significa «eu disse» (*man*, eu + *dja*, disse + *co*, partícula reforçativa da afirmação). A expressão usada pelo povo no decorrer da conservação como estribilho, passou a funcionar como alcunha e depois etnónimo (adaptado pelo próprio povo).<sup>8</sup>

Mapa etnográfico da Guiné-Bissau



Fonte: <http://www.tchando.com/gui4.html>, consulta 23/07/2010, as 10 horas.

<sup>8</sup> Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura, Volume 12, Editor Verbo Lisboa, Matricula, s/d, p.1307.

A discriminação de que o imigrante africano é sujeito pela sociedade cabo-verdiana, vai no sentido de se tratar de forma diferente ou frequentemente desigual, isto é, consiste em fazer a distinção de um determinado povo a que se identifica de Manjaco, que não é tratado de forma idónea.

Segundo Rocha-Trindade (1995:235), citando a *Convenção das Nações Unidas Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial* (1976), a discriminação é considerada como *qualquer distinção, exclusão, restrição ou referência com base em raça, pigmentação, ascendência ou origem nacional ou étnica, que tenha o objectivo ou efeito de anular ou de comprometer o reconhecimento, o usufruto ou o exercício, em pé de igualdade, dos Direitos do Homem e das liberdades fundamentais, nos domínios político, económico, social, cultural ou qualquer outro da vida pública.*

Como Eufémia Rocha afirma *Mandjakus* é um termo racista, xenófobo e guetista. Mas é de salientar ainda que a mesma autora advoga que o racismo e a xenofobia não são necessariamente sinónimos nem são condições suficientes ou necessariamente do outro. Pois no caso da Praia, concretamente, o uso da linguagem depreciativa ou vivência em condições difíceis não implica obrigatoriamente “guetista”, uma vez que não existe nenhuma demarcação espacial entre os cabo-verdianos e estrangeiros (idem, 2009:84). Sendo assim, os Mandjacos estão espalhados em todos os bairros da capital e não só, com pouca convivência com os cabo-verdianos, mas não se encontram em grupos isolados da comunidade.

Na afirmação do Oliveira Salazar num artigo retirado na internet<sup>9</sup>, a Xenofobia é uma exaltação de uma cultura em relação a outras, considerando-a como superior às restantes ou uma tentativa de aculturação forçada, isto é, uma imposição de uma cultura considerada superior em relação a uma outra cultura dada como inferior.

Mas ao que se refere aos imigrantes africanos em Cabo Verde que desempenham alto cargo na função pública e/ou privada não são designados de Mandjacos, porque ocupam um cargo de prestígio e esta a dar o seu contributo para o desenvolvimento de Cabo Verde. Já os cabo-verdianos têm uma atitude de igualdade perante eles, porém se for um comerciante na feira de Sucupira, um outro a deambular pelos bairros da capital

---

<sup>9</sup> [http://dial-b2-161-64.telepac.pt/trabalhos/2006-2007/racismo e xenofobia/nova pagina 4.htm](http://dial-b2-161-64.telepac.pt/trabalhos/2006-2007/racismo%20e%20xenofobia/nova%20pagina%204.htm), consulta 10/06/2010, as 3horas.

ou ainda um africano a trabalhar na obra, estes sim, são atribuídos nomes, uma vez que são imigrantes que ocupam do trabalho informal na Cidade da Praia para a sua sobrevivência.

Para Abou N' Dyae, residente em Achadinha, sapateiro, na penúltima paragem de autocarro de Eugénio Lima falou o seguinte:

“Mandjaco é uma raça da Guiné-Bissau e foram os primeiros imigrantes africanos a chegarem a Cabo Verde. Como os cabo-verdianos não conhecem nada todas as pessoas que chegam da África pensam que são Mandjacos. Quando cheguei aqui ao me chamar de mandjaco sentia raiva não pelo termo mandjaco em si, mas sim, a forma como rebaixam e desprezam outros povos, outra cultura. Com o passar do tempo passei a acostumar com esse nome e já não me diz nada. Para algumas pessoas o termo mandjaco não é utilizado no sentido de desprezo, mas sim utilizam para provocar-nos e/ou brincar, pois sabem que não gostamos de ser tratados assim. Outros tratam-nos assim porque viemos da Nigéria, do Senegal, da Guiné-Bissau, isto é, somos trabalhadores negros da África que saem pelas ruas para vender as nossas mercadorias.”

(Imigrante da Guiné-Bissau)

Eugénio Lima, 10/03/2010.

É culturalmente pejorativo quando um povo fala de outro povo, a tendência é fazer a diferença entre eles, isto é, marcar a diferença comum nas relações entre as duas culturas. Deste modo, destacam-se os imigrantes africanos que se sentem discriminados em Cabo Verde, por serem negros e não são-lhes dado o devido respeito como cidadão.

Segundo Abdulai, comerciante na feira de Sucupira e que muitas vezes deambula pelos bairros da capital para a venda dos pequenos artigos tais como: pilhas, relógios, roupas, entre outros para o ganho de algum dinheiro que serve para a sua sobrevivência, disse o seguinte:

“Escolhi este país porque é um dos melhores da África, é tranquilo e posso levar a vida conforme pretendo, mas o problema é que os Cabo-verdianos não gostam das pessoas da África. Eles acham que não são africanos porque têm uma pele clara e consideram -se europeus. Eu não gosto de ser atribuído nome, e isso mostra a distinção para com os outros povos.

Mandjaco é uma raça como tantas outras da Guiné-Bissau. Mas alguns cabo-verdianos atribuem nomes a todos os imigrantes da África. Os cabo-verdianos acham que não pertencem a África, ou seja, que não são africanos.

Porquê que não atribui nomes a outros imigrantes? Os imigrantes da Europa e/ou da Ásia não são atribuídos nomes, só nós os negros da África que são atribuídos nomes de Mandjacos por desprezo e discriminação.

Olha, se um dia viajares a qualquer país da África vais sentir como é que um estrangeiro é tratado por lá; todos vão ter o mesmo tratamento”.

(Imigrante da Nigéria)

Feira de Sucupira, 10/03/2010.

Mandjaco não é um termo de elogio mas sim discriminatório, utilizado desde a década de 90, sobretudo com a intensificação de voos de TACV Praia/Dakar, em que houve a entrada de um número bastante significativo desses imigrantes, que fazem parte da CEDEAO.

**Foto nº 1 - Costureiro**



Fonte: Lúcia Tavares, 14/07/2010.

### **3.1- Do termo *Mandjaco* para o *amigo***

A designação *Amigo* foi criada pelos próprios imigrantes nos primórdios da sua entrada em Cabo Verde para facilitar a comunicação com os cabo-verdianos, na compra dos seus produtos. A partir daí, o termo passou a ser utilizado reciprocamente. Ex: *Amiga kumpra-m kel rilójiu li.* - *Amigu, N ka teni dineru i es rilójiu li sta karu. Dixi-m el.* - *Amiga, kantu ki bu teni?* (...). Então, depois de tanta insistência, os produtos são baixados até pela metade do preço inicial.

Do mesmo modo, os cabo-verdianos também utilizam este termo não no sentido de desprezo, mas sim para estabelecer a comunicação e/ou interação para com eles. Este é veiculado, tão-somente, em contexto de interação comercial, e encobre uma

suposta, e inexistente, relação de proximidade, movida, sobretudo, por interesses económicos e de negociação de preço dos produtos no processo de transacção.

Na perspectiva do Dicionário Prático Ilustrado (1986:60) *Amigo é aquele que tem amizade a outrem*. Neste caso, o sentido do termo é de afeição, bem-querer, ao contrário daquele que já foi referido.

Para além disso, a utilização do termo *Amigo* é para substituir a designação Mandjaco, que alguns imigrantes não gostam de ser chamados como tal, porém, alguns entrevistados consideraram que *Amigo* tem o mesmo sentido do termo Mandjaco, visto que é para os identificarem.

Alain Pascal, residente em Cabo Verde há 10 anos, comerciante numa das barracas na feira de Sucupira, onde deparam com vários utensílios, tais como: relógios, telemóveis, pilhas, calculadora, entre outros, mencionou o seguinte:

“ Eu não gosto de nenhum dos termos (Mandjaco e amigo) porque mostra que nós não pertencemos a este país e que somos diferentes. Mandjaco é um termo utilizado com muito desprezo e preconceito. Mas é uma etnia como tantas outras que existem no mundo inteiro. Os cabo-verdianos não conhecem nada, estão encurralados pelo oceano, o conhecimento é limitado por isso nos chamam de Mandjacos ou amigo, que também considero preconceituoso. Os cabo-verdianos quando estão entre si, designa-nos de Mandjacos, mas se eles estão com alguns africanos já nos chamam de amigo.

Olha, Cabo Verde é África, ainda estou no meu continente, porém os cabo-verdianos acham que não são africanos e no meu país aos imigrantes não são atribuídos nomes e são muito bem recebidos”.

(Imigrante da Nigéria)

Palmarejo, 15/04/2010.

### **3.2- Encontros de diferenças culturais**

Contudo o termo “Mandjacos” na forma como utilizamos reflecte numa situação de *choque cultural* que é o resultado do impacto entre dois sistemas culturais diferentes e as situações sociais são diversas porque a socialização é incompleta e isto vai permitir a recusa ou a negação de alguns traços culturais estrangeiros que leva a uma fraca integração por parte dos imigrantes (Monteiro, C. 1997:58). E por outro lado, o termo é uma tentativa de comunicação intercultural embora tendo uma carga pejorativa na sua utilização.

Sendo assim, o encontro de cultura só acontece quando existe uma posição de equilíbrio social e nós cabo-verdianos temos uma relação ampla com a cultura africana nalguns aspectos cultural, social, económico, tais como: a música (deka e/ou soukous), na gastronomia, nas artes, nos vestuários, nos relacionamentos amorosos<sup>10</sup>, na religião entre outros aspectos. Por exemplo, numa conversa informal com uma rabidante na feira de Sucupira, ela afirmou o seguinte:

“Vou a Dakar duas ou três vezes por ano, fazer compras porque não dá para ficar sentada em casa. Dali, tento trazer um pouco de tudo, pois, é mais barato e sei que vou vender por um preço que vai contribuir grandemente para as despesas da casa e não só. Compro vestidos, sapatos, calças, camisas, panos entre outros. Ainda trago camarão e polvo que em Dakar é vendido por um preço muito baixo que na revenda vai me dar muito lucro. Olha, tenho alguns fregueses, que me pedem para trazer “bubu<sup>11</sup>”, chinelo, cabelos de fibra etc. Senegal é um país que tem tudo por um preço acessível”.

(Rabidante cabo-verdiana)

Sucupira, 14/03/2010.

Com isso, verifica-se que temos uma relação sociocultural com outras culturas sem deixar de lado a nossa cultura e que acabamos por adaptar a outros hábitos e costumes. Nesta mesma óptica, novamente Pascal mencionou o seguinte:

“ Desde que eu cheguei aqui, como mais a comida os pratos típicos de Cabo Verde, porque é mais saudável. A nossa comida é bastante oleosa e eu não gosto. O que mais gosto de comer em Cabo Verde é cachupa, eu adoro-a. Mas também como alguns pratos do meu país para recordar ...”

(Imigrante da Nigéria)

Palmarejo, 10/05/2010.

A presença dos imigrantes faz com que tenhamos encontros de culturas diferentes e isso depende muito da posição socioeconómica dos interlocutores. Tanto é assim que já existem, na Praia, a associação “A Organização de Apoio aos Estrangeiros em Cabo Verde” (OAE-CV), sem fins lucrativos reconhecida juridicamente e com objectivo de apoiar todos os imigrantes que não têm familiares em Cabo Verde. Muitos imigrantes dizem que não sabem da existência de nenhuma associação que os apoiam. Ainda existem outras associações que pertencem a imigrantes de diferentes países tais como: ASGUI (Associação de Guineenses em Cabo Verde) e associação de imigrantes Nigerianos. Esses imigrantes africanos encontram-se todos os sábados e domingos nas

---

<sup>10</sup> Cf. Alguns imigrantes africanos escolheram como esposas as mulheres cabo-verdianas.

<sup>11</sup> Cf. É tipo de vestido que é muito utilizado pelas mulheres em Dakar, e que muitas mulheres cabo-verdianas já passaram a vestir com muita frequência, basta sair a rua e encontrar muitas senhoras com esse tipo de vestuário.

sedes das referidas associações para a convivência com os patrícios e também cabo-verdianos num ambiente de diálogo e diversão. Como todos os que mudam de país levam consigo a sua cultura e acabam sempre por imprimir elementos dela aos locais de acolhimento, nos dias referidos, os imigrantes aproveitam para fazer a comida típica do país de origem. Verifica-se que a maioria dos imigrantes são muçulmanos e para comemorar o Islão fazem jejum nas datas de preceito, segundo alguns entrevistados.

**Foto nº 2-** Mercadorias que vendem



Fonte: Lúcia Tavares, 15/07/2010.

### **3.3- Comportamentos etnocêntricos dos cabo-verdianos**

O conceito de *etnocentrismo* é uma atitude afectiva de privilegiar, sobrestimar o grupo étnico, nacional a que pertence. Tem uma tendência a depreciar as culturas diferentes e julgá-las de modo pejorativo. Ainda leva ao racismo, teoria e prática fundamentada na crença da raça. É uma política que leva à condenação de qualquer união entre pessoas consideradas inferiores e que as impedem de alcançar certos postos ou determinadas posições sociais (Lima et alii. 89/90). Assim sendo, todos os comportamentos dos imigrantes são medidos em função dos nossos próprios valores.

Com efeito, destacámos a inquietação do Papi, que está em Cabo Verde, há dez anos, é sapateiro e já convive bastante com os cabo-verdianos referiu que:

“Os Cabo-verdianos acham que são superiores a nós, porque eles têm a cor da pele mais clara. Eu não gosto de ser chamado de amigo e nem de Mandjaco. Olha, quando falam com pessoas desconhecidas utilizam termo “senhor, senhora” ou



ainda diz “bó” que significa “tu”, porque não os conhecem, mas se é um imigrante da África chamam logo *Mandjaco ou amigo*.

Sou negro com muito orgulho mas não gosto dos nomes que nos são atribuídos. Ainda muitos cabo-verdianos pensam que vendemos produtos falsos e que não têm qualidades, porque quando dou o preço do produto, alguns pensam que está muito caro e que não vale.

(...) Aqui em Cabo Verde reza-se para não ter problema, pois, a polícia não nós ajuda e não temos ninguém que nos apoie. Do governo nunca tivemos nada.”

(Imigrante do Gana)

Pensamento, 20/02/2010.

O entrevistado frisou que o importante é respeitar as pessoas como elas são porque somos todos iguais. No entanto, alguns cabo-verdianos apresentam um comportamento de superioridade em relação aos imigrantes africanos.

**Foto nº 3 - Sapateiro**



Fonte: Lúcia Tavares, 15/07/2010.

### **3.4- Factores de integração social dos imigrantes**

Naturalmente em qualquer país do mundo a integração da comunidade não é fácil, o que é bastante comum em qualquer parte onde os imigrantes se encontram inseridos. E essa integração dificulta grandemente numa sociedade diferente por várias razões, nomeadamente:

A língua do país de acolhimento, no caso dos imigrantes africanos, a maioria têm habilidades comerciais, mas não têm o domínio sobre a língua crioula, salvo alguns imigrantes de Guiné-Bissau cuja língua crioula é semelhante à nossa. Os imigrantes

chegam a Cabo Verde com o conhecimento linguístico do país a que pertencem como por exemplo: Inglês e/ou Francês. Para alguns entrevistados, um dos problemas que tiveram foi o desconhecimento da língua e para superar essa dificuldade tiveram de andar acompanhados pelos seus compatriotas que já estão radicados em Cabo Verde há muitos tempos e que lhes serviam de intérprete. Mas também tiveram que trabalhar na feira de Sucupira, para poderem melhorar a interação com os cabo-verdianos de modo a aprender com mais facilidade o crioulo.

A habitação é um outro problema que esses imigrantes enfrentam no seu dia-a-dia, tendo em conta que ao chegarem a Cabo Verde, têm dificuldades em encontrar uma moradia, pois, verifica-se um número bastante elevado de pessoas a viver dentro da mesma casa (às vezes constata-se mais de doze). Esta estratégia visa a diminuir os custos relativamente às refeições, pois eles são frugais, tanto na residência, como na alimentação e vestuário.

Uma das outras preocupações dos imigrantes é a falta do emprego, visto que a procura no mercado de trabalho é maior do que a oferta. Muitos que estão empregados reclamam que recebem menos que os nacionais pelo mesmo trabalho, o que lhes causa descontentamentos e dissabores. Essa situação afecta grandemente os cabo-verdianos, porque podem ficar no desemprego, caso esses imigrantes aceitem o salário pago por alguns empregadores.

A situação de ilegalidade é uma outra inquietação dos imigrantes, pois, Cabo Verde depara-se com muitos imigrantes africanos que estão ilegais no país a deambular livremente.

Também a religião desses imigrantes não é a mesma praticada em Cabo Verde, pois a maioria deles são muçulmanas e sem contar com outras seitas, enquanto que mais de 90% da população cabo-verdiana é Cristã. Pois, isso dificulta-lhes a prática do seu culto religioso no nosso país, que não tem um espaço apropriado para tal.

Para César Monteiro citando Alberoni, a *integração* pressupõe um intercâmbio recíproco de experiência humana, no campo psicológico e cultural para construir uma inserção do imigrante na nova estrutura social como parte vital e funcional que enriquece o todo e não apenas uma simples assimilação. Deste modo, a integração se dá quando a inserção social do imigrante nos valores sociais, culturais, económica e político do migrante no país de acolhimento.

O termo mandjaco atribuído aos imigrantes africanos dificultam muito a interação deles com os nacionais, pois os cabo-verdianos rejeitam ou excluem-os do seu meio social e só aproximam-se deles quando têm algo que os interessa.

Abdulai afirmou o seguinte:

“Tinha uma namorada cabo-verdiana e namoramos três meses. Todas as vezes que eu lhe peço para irmos jantar fora, ela apresenta sempre uma desculpa. Sou muito parecido com os cabo-verdianos, a minha cor é clara mas quando falo já sabem que sou africano e isso deixa-a bastante envergonhada.

Vocês rejeitam os africanos e já presenciei cabo-verdianos a desprezarem os africanos nos locais públicos, pois o preconceito e o racismo circulam nas vossas veias”.

(Imigrante da Nigéria)

Feira de Sucupira, 07/04/2010.

Segundo César Monteiro (2001:124), citando José Luís Hopffer Almada, defende que os imigrantes passam por um processo de adaptação, aculturação e assimilação à cultura cabo-verdiana. Com isso, os imigrantes acabam por se adaptar à cultura do país de acolhimento sem deixar a do país de origem.

Nas informações obtidas de alguns imigrantes constata-se que estão integrados na comunidade cabo-verdiana, mas há algumas queixas no termo Mandjacos que lhes são atribuídos e ainda a falta de oportunidade de emprego como obstáculos de uma boa integração.

Todavia, durante a entrevista falámos com Anção, senegalês, que vive em Cabo Verde, há cinco anos e considera-se estar integrado na comunidade cabo-verdiana. Ele é costureiro na feira de Sucupira e artesão, e já participou em alguns eventos artísticos organizados pelos cabo-verdianos com a exposição de quadros e esculturas feitos por ele. Com esse trabalho já viajou muito e considerou que o seu trabalho está sendo procurado por muitas pessoas. Ainda durante o nosso diálogo frisou o seguinte:

“Sou costureiro, trabalho aqui na feira de Sucupira, onde ocupo quase a maior parte do meu tempo, quando não estou a viajar”.

**Perguntei-lhe porquê que não gosta de ser chamado de Mandjaco ou de amigo?**

**E ele respondeu:** “não gosto de nenhum dos termos porque mostra que nós não pertencemos a este país e que somos estrangeiros. Há muitos imigrantes africanos que estão a costurar na Sucupira, mas os cabo-verdianos estão em número muito reduzido. Vocês preferem coser connosco do que com os vossos patrícios porque fazemos trabalhos de melhor qualidade. Todos os ditos Mandjacos estão aqui para

trabalhar. Aqui não temos familiares que nos acolhem! Então, temos de colocar a mão na massa para não morrer de fome”.

(Imigrante do Senegal)

Sucupira, 15/04/2010.

**Foto nº 4 – Artista plástico**



Fonte: Lúcia Tavares, 08/08/2010.

Portanto, os imigrantes da sub-região africana, convencionalmente denominados de Mandjacos, além de serem marginalizados, são objecto de tratamento diferenciado, de tonalidade racista, discriminatória, estando subjacente ao termo Mandjacos uma conotação marcadamente pejorativa. A integração social desses imigrantes no país verifica-se com a inclusão dos mesmos no ensino da língua, na legalização, na assistência do emprego e na habitação para que possam ter melhores condições de vida e dar o seu contributo para o desenvolvimento do país de acolhimento.

## Capítulo IV- Ocupação dos Mandjacos na Praia

Neste capítulo, debruçamos sobre a ocupação dos Mandjacos que maioritariamente se concentram dentro da feira de Sucupira, e sequentemente, o local privilegiado para o exercício das suas funções ou ocupações. O nosso objecto de estudo é sobre os imigrantes da Costa Oeste Africana e que se dedicam ao comércio informal, à venda ambulante e ao trabalho na construção civil, daí passámos a conhecer um pouco das suas ocupações por onde passam e param.

Em termo geral, os Mandjacos exercem no país funções de pouco estatutos sociais, como a venda de artigos na Sucupira, a realização de trabalho pouco reconhecidos e, por conseguinte, as oportunidades de ingressar no mercado de trabalho são bastantes escassas para não dizer nulas. A construção civil está a ser preenchida por trabalhadores do continente africano nomeadamente os de Guiné-Bissau e Senegal aparecendo como principais portadores dessa mão-de-obra, mas também de Mali, Serra Leoa, Guiné-Conacri, Gana e Nigéria.

Mas, não é só nas obras de construção civil que trabalham os imigrantes africanos em Cabo Verde. É comum encontrá-los como vigilantes de obras ou guardas-nocturnos. Ainda agora fazem parte a figura dos vendedores ambulantes a circular pelas ruas e bairros da capital, alguns até pelo interior de Santiago, carregando relógios baratos, roupas, óculos de sol, colares e outras bugigangas. Há ainda os que remendam sapatos, consertam relógios e telemóveis, os que costuram num canto da rua, sob uma árvore ou mesmo dentro de Sucupira, e são das poucas pessoas cujo trabalho não é afectado pelos frequentes cortes de energia. Também as mulheres imigrantes, para além das vendas de vários artigos, algumas dedicam-se aos trabalhos de salões (pintura de unhas, maquilhagem, penteados, etc.)

No domínio de artesanato têm uma comercialização mais vasta face ao dos nacionais e fazem grande concorrência com os produtos locais, que os artesãos cabo-verdianos produzem em pequena quantidade nos locais onde circulam turistas.

É de se frisar que muitos desses imigrantes têm um nível académico bastante elevado, mas enveredam-se pelas actividades comerciais que estão mais disponíveis para eles no mercado de trabalho. Muitos cabo-verdianos que os tratam com um certo desdém tem formação académica mais baixa do que eles.

**Foto nº 5 - Vendedor ambulante**



Fonte: Lúcia Tavares, 08/08/2010.

#### **4.1 - Actividades comerciais**

Como já se disse, o comércio informal é a principal actividade desses imigrantes. São muito habilidosos na venda de vestuário como: calças, camisa, vestido (bubu), entre outros; dedicam-se a vendas de artigos como pilhas, pequenos aparelhos, artesanatos, bijutarias, cosméticos, perfumaria etc. Neste contexto, as mulheres imigrantes da África Ocidental têm um papel crucial nesta actividade informal bem como na troca cultural, pois muitos cabo-verdianos já usam penteados, bijutarias, cosméticos, vestuários... à semelhança dessas imigrantes.

Como afirma Eufémia Rocha, no jornal *A Nação*. Nº110. 08 a 14/10/2009:3, *podemos reconhecer uma dinamização económica e cultural que destaca pela presença de elementos dos países da África Ocidental, através de moldagem da aparência física, da estética e dos hábitos*. Com isso, deparámos com uma procura bastante significativa quer dos cabo-verdianos ou de estrangeiros a procura de salões, acessórios de belezas, cosméticos, peças de vestuários, esculturas e outros produtos.

Porém, os mais integrados no plano profissional são os guineenses que trabalham na função pública sendo parte alguns deles desempenham a função docente.

É de se realçar que Cabo Verde e a Guiné-Bissau têm uma história comum, a própria língua crioula falada nos dois países é idêntica. Os imigrantes guineenses como não têm muita tendência para o comércio trabalham como guardas-nocturnos, nas empresas públicas e privadas, em casas comerciais, nas residências particulares e sobretudo como operários (pedreiros, serventes...) das obras de construção civil. Infelizmente em qualquer dessas situações são muito mal pagos.

Também é notório nos imigrantes africanos atitudes de suspeita como o tráfico de drogas e a falsificação de notas e documentos. Muitos até já estiveram implicados com a justiça cabo-verdiana em consequências da prática desses crimes.

Em relação aos outros imigrantes, como no caso dos chineses também a relação com os Cabo-verdianos é apenas comercial, visto que os chineses não têm muito diálogo com os Cabo-verdianos. Já os africanos conseguem comunicar com mais facilidade. No que diz respeito ao comércio, há uma vantagem ali para com os imigrantes chineses visto que os seus produtos são de preço mais acessível no mercado, o que confere o poder de compra a todas as camadas sociais cabo-verdianas. Não são vendedores ambulantes. Os asiáticos têm uma grande diversidade de produtos que permitem a aquisição de quase toda a sociedade tanto em quantidade como em qualidade como utensílios domésticos, aparelho electrónicos, equipamento de escritórios, mobiliários, sapatos, roupas, bijutarias entre outros objectos decorativos.

Relativamente à imigração africana, Cabo Verde beneficia da mão-de-obra barata que vai contribuir para o desenvolvimento económico do país e que leva uma concorrência comercial entre os imigrantes e os nacionais na venda de produtos. Os Mandjacos têm a capacidade de persuadir as pessoas na compra dos seus produtos. Algumas vezes comportam-se de forma grosseira e perturbadora em relação aos nacionais e turistas, na tentativa de ludibriar as pessoas na compra de produtos não pretendidos. Para convencer os compradores, eles baixam o preço do produto até 50% ou menos.

Também depara-se com uma atitude suspeita em relação às actividades pouco dignas praticadas por alguns Mandjacos. Constata-se recentemente que muitos deles andam numa procura desenfreada, na feira de Sucupira, nos bairros de capital e no

interior da ilha, de objectos de ouro, sobretudo partidos, para a compra num valor incompatível com o do mercado.

Portanto, a vida económica de alguns mandjacos é muito baixa, mas mesmo assim, no final de cada mês enviam remessas para o seu país de origem, tendo em conta que a moeda cabo-verdiana tem um valor cambial superior ao dos seus países. Mesmo ganhando pouco, conseguem fazer economia.

#### **4.2- Trabalho na construção civil**

Em Cabo Verde, alguns Mandjacos têm uma vida razoável, enquanto outros vivem com muitas dificuldades, particularmente por causa da discriminação que sofrem e do desemprego. Por isso, eles têm de trabalhar nas obras, porque precisam de trabalho e estão mais disponíveis para tal. Como estrangeiros têm uma margem de escolha muito limitada e provavelmente são trabalhadores explorados em termos de salários, mas a sua condição de estrangeiro permite-lhe pouca capacidade de negociar ou exigir os seus direitos.

Com efeito, exemplificamos com Lay, um imigrante da Guiné-Bissau, servente numa das obras de construção, em Palmarejo, onde presta nove horas de serviço e ganha apenas 500\$00 por dia, e ainda faz descargas na loja Fenícia para ajudar nas despesas.

Disse ele:

“O que ganho não chega para as despesas da casa porque vivo num quarto arrendado em Achadinha, com um irmão e amigos. No final de cada mês pago a renda da casa 8 mil escudos e faço compras para a casa e fico sem dinheiro para fazer outras coisas como divertir com os meus patrícios, porque o dinheiro não chega. Cabo Verde é um país muito liberal e as pessoas podem falar e discutir quando uma coisa não vai bem; tem muito dinheiro, porém a comida é muito cara e tem poucas ofertas; por isso não gosto daqui. O meu objectivo é ir para Europa, aqui tem muito bandidos, roubam e assaltam nas ruas assim não consigo sair à noite para passear ou conviver com amigos”.

(Imigrante da Guiné-Bissau)

Palmarejo, 13/03/2010.

Para Lay, muitos imigrantes que estão aqui querem regressar para os seus países. Contudo, não têm dinheiro para isso, porque o que ganham vai tudo nas despesas. Normalmente, não vêm a Cabo Verde para ficarem por muito tempo, mas sim para melhorarem o seu rendimento económico, uma vez que no seu país de origem sofrem



alguns conflitos ou outros problemas graves. Entretanto, ele é um dos muitos imigrantes que procura Cabo Verde como país intermediário para entrar noutros países, e acabam por ficar porque não conseguem sair daqui para Europa ou América e nem voltar para o próprio país de origem.

Relativamente aos chineses, Cabo Verde beneficia com o trabalho deles na construção civil, nos estabelecimentos comerciais como por exemplo no emprego de muitos jovens que de uma certa forma são explorados, mas ganham algum dinheiro para a sua sobrevivência.

#### **4.3- Olhar dos cabo-verdianos em relação aos imigrantes africanos**

Os imigrantes africanos designados por Mandjacos, no olhar de alguns cabo-verdianos entrevistados, são uma prova viva de luta pela sobrevivência, porque não queixam da falta do emprego e estão disponíveis para qualquer tipo de trabalho com muita força e dedicação. Consideraram que os imigrantes africanos deveriam servir de referência para alguns jovens denominados “Thugs” que estão espalhados pelos bairros da capital, ficando à espreita das pessoas no caminho para extorquirem os seus bens e ameaçando a própria vida das vítimas.

Em geral, são pessoas relativamente jovens que deixam os seus países de origem à procura de melhores condições de vida em Cabo Verde. Estão sujeitos à discriminação através da designação de Mandjaco por parte de alguns elementos da população cabo-verdiana. Enquanto imigrantes, alguns apresentam uma referência positiva para os nossos jovens, visto que são cidadãos que trabalham à procura de uma vida digna.

Afirmaram ainda que o Governo de Cabo Verde deveria adoptar medidas políticas e institucionais para a legalização dos imigrantes, a fim de lhes proporcionar melhores condições de vida, criar uma ponte de ligação não só aérea, mas também marítima para transporte de bens e ainda criar condições para que os seus filhos estudem.

Alguns imigrantes sentem-se de certa forma integrados porque Cabo Verde é um país tranquilo que dá para viver em paz, mas outros não se sentem completamente à vontade, devido à existência de muitos bandidos. O desejo de alguns deles é regressar aos seus países, porém, a grande dificuldade é o elevado custo do bilhete de passagem.

Os Mandjacos, são identificados pelos cabo-verdianos através dos seus vestuários, uma vez que muitos ainda continuam a utilizar o traje do seu país, por exemplo, alguns senegaleses utilizam o *sabador* ou *kaftal*,<sup>12</sup> porém outros já adquiriram novos hábitos de se apresentarem na nossa comunidade. E há outros que tomam banho na rua, com garrafas de água e essa mesma quantidade é partilhada por quatro ou cinco.

Relativamente à alimentação, cada um deles tem o seu hábito alimentar por pertencer a países diferentes, pois, uns comem com as mãos, outros reúnem-se em grupo, numa só tigela. Ainda depara-se com os guineenses agrupados a fazerem o chá que se designa de *bom papa*, que depois de um dia de trabalho bebem com os amigos debaixo de uma árvore, em qualquer lugar da capital, onde eles trabalham. Ao beber o referido chá ficam mais descansados, calmos e sossegados.

Em termo de diálogo, os imigrantes, à primeira vista, não confiam nos cabo-verdianos, já que muitos dizem ter sido enganados pelos mesmos. Todavia os Mandjacos também já enganaram muitos cabo-verdianos e ainda continuam burlando alguns incautos, contudo, muitos cabo-verdianos têm sido vítimas de multiplicação de dinheiros falsos.

Ainda a não aproximação de cabo-verdianos com Mandjacos deve-se ao facto de alguns não se preocuparem com a imagem, a higiene pessoal, mas sim somente em ganhar dinheiro, e perante esta situação muitas vezes a nossa sociedade “responde” com discriminação, repúdio e desprezo.

O que acontece com os africanos apelidados de Mandjacos em Cabo Verde, também sucede com os imigrantes cabo-verdianos espalhados pela Europa e não só, sofrem muita discriminação.

Por outro lado, como forma de desprezo, por parte de alguns cabo-verdianos tudo que é negro e que vem da África, seja de qualquer país, e não falam português é Mandjaco. Alias, um africano que fala bom português é sinónimo de não ser Mandjaco.

---

<sup>12</sup> Cf. Calças e camisas largas que eles utilizam para levarem ao culto todas as sextas-feiras

## Considerações finais

Em jeito de conclusão, este estudo incidiu-se sobre os imigrantes provenientes da África Ocidental, instalados na cidade da Praia. Foi constatado ao longo deste trabalho que apesar de haver várias nacionalidades no seio desses imigrantes oriundos da África, eles são tidos como um conjunto na utilização do termo Mandjacos.

Com efeito, foi abordado uma breve perspectiva da emigração cabo-verdiana ao longo dos séculos para as diferentes partes do mundo. Recentemente, Cabo Verde transformou-se num país de acolhimento dos imigrantes africanos no quadro da CEDEAO que incluem condições de livre circulação de pessoas e bens.

São imigrantes oriundos de países como a Guiné-Bissau, Nigéria, Senegal, Gana e de diversas etnias que se encontram em Cabo Verde. Começaram a chegar a Cabo Verde, a partir dos anos 90 e o número desses imigrantes aumentou significativamente. Eles encontram-se instalados nos diferentes bairros periféricos da cidade da Praia, onde a pesquisa de campo e depoimento recolhidos mostram que não existem a separação física e habitacional entre os imigrantes e os cabo-verdianos.

É no âmbito da CEDEAO e nos exercícios de actividades económicas sustentado pela livre circulação de pessoas e bens, reflectido no direito de residência e de estabelecimento constitui uma das vias essenciais na materialização do processo de integração dos imigrantes em Cabo Verde.

Apesar de ainda existir algumas resistências por parte dos cabo-verdianos em relação a convivência com os Mandjacos, mas tem estado a verificar uma maior convivência no relacionamento com os imigrantes Mandjacos actualmente. Verifica-se que há pouco diálogo com os imigrantes e, muitas vezes, são ignorados pelos cabo-verdianos, propositadamente.

No que se refere aos imigrantes da CEDEAO, várias causas estão na origem da procura de Cabo Verde como destino, sendo inegável de entre elas a sua estabilidade política, a paz social e o clima de segurança interna prevalecente.

Há necessidade de se encontrar ou inventar um termo científico, adequado para denominar os imigrantes dos diferentes países do mundo. Pois, muitas vezes utilizam o termo Mandjacos por falta de nomes cientificamente correctos, antropológicamente recomendados e socialmente aceites.

O dossier de gestão de Mandjaco é bastante delicado o que significa que a autoridade cabo-verdiana tem de gerir com algum cuidado, porque somos um país de emigração e nem sempre é fácil identificar origem certa desses imigrantes. Qualquer tratamento indigno dado pela autoridade cabo-verdiana pode ter reflexo negativo no nosso emigrante lá fora, por isso entendemos que esse problema deve ser equacionado conjuntamente em articulação como política consertada no quadro da CEDEAO.

As autoridades cabo-verdianas devem criar condições para que o regresso aos países de origem daqueles que pretende fazê-lo, seja de forma adequada.

A expulsão de alguns imigrantes para Senegal, que são devidamente identificados de outros países tem provocado algumas tensões diplomáticas com este país. Há necessidade de intervenção séria e eficaz das autoridades com vista a lidar com a situação do género, sob pena de, no futuro perdermos da imigração deste pequeno país.

Os imigrantes africanos constituem uma ameaça aos postos de trabalho para os cabo-verdianos, porque trabalham por um preço muito baixo em qualquer ponto do país.

No que concerne ao controlo da entrada e saída desses imigrantes verificou que este não é rigoroso, porque muitos imigrantes entram em Cabo Verde de forma clandestina.

Ao longo deste trabalho tivemos algumas dificuldades na recolha de dados, concretamente, nas entrevistas e inquéritos, porque alguns não queriam ceder às nossas solicitações, desculpando-se uns, que não gostariam de divulgar o seu modo de viver e outros, que desconfiavam ser inquiridos por jornalistas e polícias de forma discreta e não queriam ter as suas vozes gravadas.

Foi um trabalho que exigiu muito da nossa paciência e sensibilidade para com os entrevistados, mas gostamos de trabalhar este tema porque aprendemos muito a cerca do quotidiano desses imigrantes.

Esperamos trazer um contributo de alguma forma para a melhoria de condições de vida desses imigrantes. E que esta problemática venha a ter uma atenção especial por parte daqueles que estão mais relacionados com este assunto importante para a própria tranquilidade dos cabo-verdianos.

Tendo em conta que nenhum trabalho é completamente perfeito e considerando os eventuais erros e falhas que o documento possa apresentar, todas as observações, correcções, sugestões, conselhos e propostas para a melhoria e enriquecimento deste documento serão bem aceites.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Elisa Silva, *As Ilhas de Cabo Verde da «Descoberta» à Independência Nacional (1460-1075)*. Edição L'Harmattan, Paris, 1996.

ANDRADE, José, “Migrações Cabo-verdianas” in *Arquivo Histórico Nacional. Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia, Edição AHN, 1998.

CABRAL, Iva e FURTADO, Cláudio (ed.), *Os estados-nação e o desafio de integração regional da África Ocidental: Ocaso de Cabo Verde*, Cidade da Praia 2008.

CARREIRA, António (a), *Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)*. 2ª Edição do CEE e Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983.

\_\_\_\_\_ (b), *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*. 2ª Edição do CEE e Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1983.

Chantre, Gilvanete, “OAE-CV denunciou. Menores imigrantes alojados com adultos em esquadra Policial” In *A Semana*, Sexta-feira. Nº 867. 21 de Novembro de 2008.

“Cabo Verde acolhe Escola Regional da protecção Civil da CEDEAO”. In *A Nação*. Semanário. Nº 140. 06 à 12/05/2010.

DE BARROS, José Mário Borges, *A integração dos emigrantes no sistema político Cabo-verdiano*, Praia, Edição IBNL, 2008.

“É TEMPO de definir uma política coerente de imigração”. In *Expresso das Ilhas*, Praia, 08 de Dezembro de 2004. Opinião.

FILHO, João Lopes, *Imigrantes em terra de emigrantes*, Praia, Edição IBNL, 2009.

“IF. CEDEAO: 35 anos depois os mesmos objectivos”. In *Expresso das Ilhas*. Nº 448. 30 de Junho de 2010. Actualidade.

LIMA, A. Mesquitela et alii, *Introdução À Antropologia Cultural*. Edição Presença, Lisboa, S/d.

MONTEIRO, César Augusto, *Comunidade Imigrada – Visão Sociológico - O Caso Itália*. Edição do Autor, S. Vicente, 1997.

\_\_\_\_\_, *Recomposição do Espaço Social Cabo-verdiano* (Ensaio). Edição do Autor. S. Vicente. Dezembro de 2001.

MONTEIRO, Vladimir, “Oestes africanos desembarcam. Aventura em terra de aventureiros”. In *A Semana*. Segunda-feira. Praia, 06 de Março de 1995.

PEREIRA, Daniel, “A cultura Cabo-verdiana no processo de integração das comunidades emigradas” in *Cultura*. Cabo Verde. Publicação Semestral, Ano 2. Nº2/Julho de 1998.

ROCHA, Eufémia Vicente, “Mandjakus na Praia: Etnografando trajectórias de imigrantes da Costa Ocidental de África” in *Ensaio etnográfico na ilha de Santiago de Cabo Verde - Processos identitários na contemporaneidade*. Edições UNI-CV e UFRGS. Volume I. Novembro de 2009.

\_\_\_\_\_, *Mandjakus são todos os africanos, todas as gentes pretas que vêm de África: xenofobia e racismo em Cabo Verde*. Dissertação de Pós – Graduação em Ciências Sociais. Praia, Março de 2009.

\_\_\_\_\_, “Mandjakus”: que contributos na economia cabo-verdiana?” in *A Nação*. Nº 110. 08 a 14/10/2009.

ROCHA-TRINDADE, M. I., *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

STIFTUNG, Friedrich Ebert, *Assembleia Nacional de Cabo Verde – Fórum Parlamentar: «O Desafio da Integração na África Ocidental»* 7 e 8 de Novembro de 2001.

\*\*\*

Relatório Final do Ateliê: *Os Estados – nações e o desafio de integração regional na África de Oeste*, 2007.

*BOLETIM OFICIAL DA REPUBLICA DE CABO VERDE*, Quarta-feira. Nº6. 5º Suplemento, 11 de Fevereiro de 1981.

*ENCICLOPÉDIA LUSO BRASILEIRA DE CULTURA*. Volume 12. Editor Verbo  
Lisboa. Matricula. S/d.

*DICIONÁRIO PRÁTICO ILUSTRADA*. Editores Lello & Irmão, Porto - 1986.

### Sitegrafia

<http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp200411wp/.pdf>, consulta em 31/10/09 às 11 horas.

<http://www.alentejolitoral.pt/PortalRegional/Cidadao/AconselhamentoEApoio/Paginas/DiscriminacaoRacial.aspx>, consulta 20/05/2010, às 13 horas.

<http://www.casadobrasildelisboa.rcts.pt/arq-artigos/racismo-xenofobia-europa.doc>, consulta 07/06/2010, às 11 horas

<http://www.tchando.com/gui4.html>, consulta 23/07/2010, às 10 horas.



# Anexos

## **Anexo 1 - Lista de entrevistados**

*Abou N'Dyae*

Residente: Achadinha

Profissão: Sapateiro.

Proveniência: Guiné-Bissau

*Abdulai*

Residente: Achadinha

Profissão: Comerciante e vendedor ambulante

Proveniência: Nigéria

*Alain Pascal*

Residente: Palmarejo

Profissão: vendedor ambulante.

Proveniência: Nigéria

*Papi*

Residente: Calabaceira

Profissão: sapateiro.

Proveniência: Gana

*Anção*

Residente: Eugénio Lima

Profissão: Costureiro e artesão

Proveniência: Senegalês

*Lay*

Residente: Achadinha

Profissão: Servente na obra de construção civil.

Proveniência: Guiné-Bissau

Nota: Ainda entrevistamos alguns cabo-verdianos e rabidantes na feira de sucupira.

## Anexo 2 - Guião de entrevistas

1. Como é que se chama?
2. De onde é?
3. Há quanto tempo está em Cabo Verde?
4. O que faz em Cabo Verde?
5. Quanto é que ganha por dia?
6. Manda dinheiro para o seu país?
7. Está satisfeito com o trabalho que faz?
8. Faz algum trabalho artístico?
9. O que gosta mais de fazer?
10. Vive com quem? (Com famílias, amigos ou outros).
11. É casado(a)? Tem filho?
12. Compreende bem a língua Cabo-verdiana?
13. Qual é a língua que utilizas com mais frequência?
14. Participa em algumas actividades feitas pelos Cabo-verdianos?
15. Vê a programação da televisão de Cabo Verde?
16. Não gosta de ser chamado *Mandjacos*.” Porquê?
17. Gosta de ser chamado *amigo*. Porquê?
18. Que significado atribui aos termos *mandjaco* e *amigo*?
19. Quando tem algum problema, como é que faz para resolve-lo? Quem procuras?
20. Existe algum organismo em Cabo Verde que o apoia?
21. Em relação ao Governo de Cabo Verde o que espera?
22. O que tem feito o governo de Cabo Verde para o ajudar?
23. Porque escolheu Cabo Verde e não outro lugar que lhe fornece melhores condições de vida?
24. Que benefício adquire Cabo Verde com a vossa estadia?
25. Gostaria de adquirir a nacionalidade Cabo-verdiana?
26. Pretende ficar por quanto tempo ainda?